

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS AMBIENTAIS**

ROSELENE VARGAS DE OLIVEIRA

**O ESPAÇO DA CASA E SUA RESSIGNIFICAÇÃO DURANTE A PANDEMIA DE
COVID-19**

CRICIÚMA

2022

ROSELENE VARGAS DE OLIVEIRA

**O ESPAÇO DA CASA E SUA RESSIGNIFICAÇÃO DURANTE A PANDEMIA DE
COVID-19**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências Ambientais.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Viviane Kraieski de Assunção.

CRICIÚMA

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

048d Oliveira, Roselene Vargas de.

O espaço da casa e sua ressignificação durante a pandemia de COVID-19 / Roselene Vargas de Oliveira. - 2022.

92 p. : il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais, Criciúma, 2022.

Orientação: Viviane Kraieski de Assunção.

1. Psicologia ambiental. 2. Identidade de lugar. 3. Apropriação do espaço. 4. Lar - Aspectos ambientais. 5. Isolamento social - Aspectos sociais. I. Título.

CDD 23. ed. 155.9

Bibliotecária Eliziane de Lucca Alosilla - CRB 14/1101
Biblioteca Central Prof. Eurico Back - UNESC



PARECER

Os membros da Comissão Examinadora homologada pelo Colegiado de Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais reuniram-se forma remota conforme RESOLUÇÃO N. 02/2020/PPGCA que estabelece procedimento para a Defesa de Dissertação do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais por meio de videoconferência, para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado apresentada pela candidata **ROSELENE VARGAS DE OLIVEIRA**, sob o título: “**O ESPAÇO DA CASA E SUA RESSIGNIFICAÇÃO DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19**”, para obtenção do grau de **MESTRE EM CIÊNCIAS AMBIENTAIS** no Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Após haver analisado o referido trabalho e arguido a candidata, os membros são de parecer pela “**APROVAÇÃO**” da Dissertação.

Criciúma/SC, 31 de agosto de 2022.

Profa. Dra. Máira Longhinotti Felippe
Primeiro Examinador

Prof. Dr. Geraldo Milioli
Segundo Examinador

Profa. Dra. Viviane Kraieski de Assunção
Presidente da Comissão e Orientadora

Dedico este trabalho aos participantes dos projetos sociais, sem os quais não teria despertado o interesse nesta jornada de pesquisadora.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que fizeram parte da minha caminhada até aqui, em especial minha irmã e demais familiares. Agradeço a professora Teresinha M. Gonçalves por ter me acompanhado durante um tempo no Mestrado. Ao grupo de professores que estive comigo, em especial a professora Viviane, minha orientadora, por desenvolver meu aprendizado a cada dia, e possibilitar um novo olhar frente aos desafios!

Agradeço a Universidade do Extremo Sul Catarinense, através do PPGCA, possibilitando aprendizado e possibilitando a pesquisa com seu quadro efetivo de profissionais de saúde.

Agradeço aos profissionais de saúde da Unesc por sua participação.

Agradeço a igreja ABBA PAI CHURCH, em possibilitar trabalhar como psicóloga voluntária em sua instituição e seu projeto social

Agradecimento ao HUSC Hospital Universitário de Santa Catarina em possibilitar trabalhar como psicóloga voluntária em sua instituição, e seu projeto social

**"A casa é uma das maiores forças de
integração para os pensamentos, as
lembranças e os sonhos do homem"**

BACHELARD (1993, p. 26)

RESUMO

A Psicologia Ambiental apresenta interfaces com as Ciências Ambientais e contribui para o estudo do espaço construído, compreendendo que este pode apresentar características próprias do sujeito que o habita como também promover sensações de tranquilidade e segurança, proporcionando bem estar. Partindo das concepções da Psicologia Ambiental, este estudo centra-se na temática da casa. O problema da pesquisa parte das dificuldades enfrentadas por sujeitos de viver e conviver no espaço da casa durante o isolamento social no período da pandemia de COVID-19. A pesquisa buscou como objetivo geral, compreender a relação do sujeito com o ambiente de sua casa durante o período de isolamento social da pandemia de COVID-19. Como recursos metodológicos, foram utilizadas a escuta qualificada, questionário e entrevistas semiestruturadas. Os resultados evidenciam, principalmente, as dificuldades movidas pela não apropriação do espaço no qual os sujeitos estavam inseridos. Como conclusão, ressalta-se a importância de uma reapropriação com este ambiente individual ou coletivo e sua ressignificação no pós-pandemia para a promoção do bem-estar dos sujeitos.

Palavras-chave: Enraizamento. Identidade de lugar. Apropriação do espaço. Reapropriação do espaço. Espaço da casa.

ABSTRACT

Environmental Psychology presents interfaces with Environmental Sciences and contributes to the study of the built space, understanding that it can present its own characteristics of the subject who inhabits it as well as promote feelings of tranquility and security, providing well-being. Starting from the concepts of Environmental Psychology, this study focuses on the theme of the house. The research problem stems from the difficulties faced by subjects to live and coexist in the space of the house during social isolation in the period of the COVID-19 pandemic. The research sought, as a general objective, to understand the subject's relationship with the environment of his home during the period of social isolation of the COVID-19 pandemic. As methodological resources, qualified listening, a questionnaire and semi-structured interviews were used. The results show, mainly, the difficulties caused by the non-appropriation of the space in which the subjects were inserted. In conclusion, the importance of a re-appropriation with this individual or collective environment and its resignification in the post-pandemic to promote the well-being of subjects is highlighted.

Keywords: Rooting. Place identity. Appropriation of space. Reappropriation of space. House space

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Casa da pesquisadora	13
Figura 2 – Detalhe da casa da pesquisadora	14

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

HUSC - Hospital Universitário de Santa Catarina

RH – Recursos Humanos

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

UNESC - Universidade do Extremo Sul Catarinense

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.2 PROBLEMA DE PESQUISA	16
1.3 OBJETIVOS	19
1.3.1 Objetivo geral	19
1.3.2 Objetivos Específicos	19
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	20
2.1 PSICOLOGIA AMBIENTAL	20
2.2 A CASA, O ESPAÇO QUE ACOLHE O INDIVÍDUO OU O COLETIVO.....	29
2.3 DINÂMICAS UTILIZADAS PARA AFASTAMENTO DO GRUPO SOCIAL NA PANDEMIA.....	39
2.3.1 A cidade e as relações nos espaços da casa e urbanos na pandemia	42
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	47
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	50
4.1 EXPERIÊNCIAS DE CONFLITO NO ESPAÇO DA CASA DURANTE A PANDEMIA.....	50
4.1.1 Reflexões finais: o sentir-se exilado no espaço da casa	63
4.2 EXPERIÊNCIAS DE REESTRUTURAÇÃO DO ESPAÇO DA CASA VIVENCIADAS POR PROFISSIONAIS DA SAÚDE NA PANDEMIA	64
4.2.1 Reflexões adicionais: ressignificações do espaço da casa durante e após o isolamento social	77
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
REFERÊNCIAS	82
APÊNDICE	90
APÊNDICE I - QUESTIONÁRIO	91

1 INTRODUÇÃO

A Psicologia Ambiental, sendo uma abordagem da Psicologia, desperta grande interesse ao estudar o espaço construído, pois este pode apresentar características próprias do sujeito que o habita como também promover sensações de tranquilidade e segurança, proporcionando bem estar. As possibilidades dessa disciplina e sua atuação caminham na perspectiva de contribuir para a qualidade de vida do sujeito em sua conexão com o ambiente, intermediada por uma relação.

A Psicologia Ambiental é, por sua natureza, interdisciplinar. Dessa forma, compreende a realidade sociofísica no sentido da totalidade, ou seja, tudo está conectado e interagindo o tempo todo. Considerar a ação do ambiente proporciona uma perspectiva diferente da atuação do psicólogo que orienta seu trabalho para a clínica, pois direciona um olhar para a sociedade, que entenda que tipo de sociedade produz os sujeitos contemporâneos. Desta maneira, o psicólogo possui uma necessidade de ter uma amplitude de olhar para o ambiente ao qual o sujeito se encontra inserido. Neste sentido, a Psicologia Ambiental contribui para analisar como o sujeito percebe o ambiente e como este ambiente irá influenciar seus comportamentos (MOSER, 1998).

Partindo das concepções da Psicologia Ambiental, este estudo centra-se na temática da casa. Com uma abordagem que estuda o ambiente sócio físico, o objeto de estudo é um ambiente pessoal e familiar e, ao mesmo tempo, social na medida em que a casa, nessa direção teórica, é vista como abrigo e proteção e está situada no meio social, quer em ambiente urbano ou rural.

Sou natural de Santa Maria (RS), e tive a infância, até os cinco anos de idade, dividida entre a casa dos pais e a casa dos avôs. A casa dos pais ainda existe, a dos avôs não mais, pois foram vendidas as terras e a casa, removida. Esta casa significa afeto, proteção, aconchego, saudade, identidade, apropriação, enraizamento. Minha personalidade foi construída através de histórias contadas por amigos e familiares de meu falecido pai, com quem não tive o convívio, mas parecer com ele através de minhas atitudes me promoviam orgulho. Uma casa simples, com três quartos, uma cozinha pequena, onde o milho verde era assado nas brasas, e o bife de boi feito na chapa do fogão a lenha, a penteadeira no quarto, onde tinha um talco para os dias de festas serem usados, perfumes que pouco se usava, mas que faziam parte do cenário. Lembro-me sempre do talco no

pescoço, que me deixava com a pele mais branca do que de costume, uma janela na sala da qual eu contemplava a paisagem e avistava a araucária, pois lá existem muitas, a mesa de jantar com doze lugares, um banco para quando faltava lugares para as visitas, um berço de ferro que usei até os cinco anos, um vaso na sala para colocar flores de jasmim e de acácia mimosa, uma flor amarela muito cheirosa. Hortênsias no jardim e muitas roseiras, que exalavam um aroma maravilhoso. Esta casa que faz parte de mim, e eu dela, e, ao fechar os olhos, o pensamento me leva a ela com seus aromas e sabores. É como se o tempo não tivesse passado, as lembranças estão íntegras, e em qualquer momento difícil que eu passo, é na imagem dela que me refaço e ganho forças para superar os desafios.

Figura 1 –Casa da pesquisadora



Fonte: Acervo pessoal da Autora.

Figura 2 –Detalhe da casa da pesquisadora



Fonte: Acervo pessoal da Autora.

O interesse em realizar um estudo sobre a casa me remeteu, como psicóloga e pesquisadora, ao interesse pela Psicologia Ambiental, com uma visão de prevenir doenças e não somente trabalhar com elas. Este interesse despertou em 2015, ao cursar a disciplina no curso de Psicologia, que discutiu o processo de apropriação da cidade. Minha mudança para a cidade de Criciúma evidenciou as dificuldades de adequar-nos ao espaço. Diante disso, para apropriar-se do novo espaço, foi necessário criar estratégias para administrar à ansiedade, a tristeza, a falta de identidade com o lugar, a falta da família, as dificuldades no trabalho, as mudanças da faculdade, a busca por objetivos, fazer novas atividades para auxiliar nesta mudança. Aos poucos, a Psicologia Ambiental contribuiu para a formação de uma nova perspectiva, uma forma de se organizar e ficar bem.

Com a realização da pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em uma escola no município de Criciúma-SC, o interesse pela Psicologia

Ambiental se intensificou. Neste trabalho, foi constatada a importância da Psicologia Ambiental no contexto escolar, por meio da percepção de que os alunos que possuíam uma identidade e uma apropriação com o local apresentavam maior facilidade nas relações interpessoais e melhor aproveitamento no rendimento escolar. Esta foi a grande força motivadora para continuar estudando e pesquisando sobre apropriação na abordagem da Psicologia Ambiental.

Esta experiência possibilitou reforçar a necessidade de prosseguir os estudos de apropriação do espaço, agora não mais da escola e sim da casa.

Depois da graduação em Psicologia, trabalhei em um Shopping Center na cidade de Criciúma. O trabalho exigia uma permanência de 12 horas, pois exercia a função de coordenadora de equipe em uma loja de cosméticos, trabalhando com contratação, demissão, práticas de RH (Recursos Humanos), vendas de produtos, recepção de clientes e prestação de serviços. No início da pandemia, em março de 2020, as atividades de trabalho foram suspensas. Desta forma, fiquei em casa com meus familiares. Uma rotina que não conhecia até então, pois anteriormente o tempo de convívio em família era muito curto.

Com o passar do tempo, algumas entidades começaram a solicitar o trabalho de profissionais de Psicologia para atenderem de forma voluntária. Passei a atuar em uma igreja chamada Abba Pai Church, que desenvolvia um projeto social de forma *on-line*, para atender pessoas que demonstravam desconforto em estar em casa, no isolamento social. Particpei também do projeto de atendimentos da UNESCO chamado "Acolher", voltado para o público em geral e com abrangência nacional. Atuei, ainda, em uma iniciativa organizada pelo Hospital Universitário da Universidade Federal de Santa Catarina, com atendimentos para usuários do sistema do serviço de Psicologia.

Com a demanda só aumentando, comecei a sentir interesse em pesquisar sobre este assunto, e como a procura de profissionais de saúde pelo atendimento, o possível grupo de pesquisa foi se fazendo e a casa se tornou o interesse para estudo no Mestrado, pois a grande dificuldade nos atendimentos era ressaltada como a dificuldade de ficar em sua residência por um tempo maior do que estavam acostumadas. Desta forma, a presente pesquisa busca uma compreensão de como a casa passa a ser percebida no isolamento e se, durante este período, foi construída uma ressignificação desse espaço.

1.2 PROBLEMA DE PESQUISA

Ao iniciar a pandemia no Brasil, em março de 2020, teve início o isolamento social, obrigando muitas pessoas a terem suas atividades suspensas e obrigando elas a ficar em seus lares, sem sair para o trabalho. As únicas atividades que tiveram continuidade eram as concebidas como “serviços essenciais”.

Isto acabou gerando um desconforto nas pessoas em geral, pois não podiam sair de suas casas, fazerem suas atividades de rotina, passeios, e atividades com seus familiares. Isso foi constatado na escuta qualificada verificada em atendimentos da pesquisadora como psicóloga voluntária em projetos oferecidos por diferentes entidades citados anteriormente. Durante a realização dos atendimentos, pode-se identificar queixas de ansiedade fora do controle, sentimentos de medo, angústia, sentir-se perdido por não saber o que irá acontecer: se voltariam ao trabalho, como seria a resposta do governo para a economia, o aumento da taxa de desemprego. Algumas pessoas relataram desconforto por não estarem acostumadas a ficar tanto tempo no ambiente da casa. Antes da pandemia, este ambiente era usado somente para as atividades de descanso e referência de moradia. O tempo usado na residência era somente o mínimo necessário. Estavam acostumados a deixar filhos na creche ou escolas, almoçavam fora de casa e tinham outras atividades em diferentes espaços urbanos - academia, cinemas, *shopping center*, enfim, boa parte da rotina diária era fora do ambiente doméstico.

Nos primeiros dias, para alguns sujeitos da pesquisa, ficar em casa se tornou uma novidade, mas, aos poucos, uma angústia. Os sujeitos que afirmaram ter sido tranquilo realizaram arrumações na casa, trocaram móveis de local, fizeram atividades de pinturas, jardinagem... Relataram que aproveitaram suas casas, e almoço com familiares. Em tempos “normais”, os horários com familiares eram difíceis.

Muitas pessoas, no entanto, afirmaram que só tinham o hábito de ir para suas casas para descansar, dormir e passaram a considerar a situação de ficar em casa um grande desconforto. Ao ter de ficarem mais tempo com seus familiares, as divergências passaram a surgir. Este local em que a família se encontra passa a ser difícil ao abrigar as diferenças neste momento de confinamento, e tensões e conflitos passam a ser evidenciados.

Com as dificuldades nas relações afetivas, a tolerância no convívio começa a não existir, devido a um maior tempo entre os integrantes da mesma casa, muito tempo com os filhos. As pessoas estavam acostumadas a deixar filhos na creche ou na escola em tempo integral, e o maior tempo em casa trouxe desafios à convivência, como a divisão de tarefas e a angústia dos empregos reavaliados, o que exigiu uma adaptação neste momento.

Idosos acostumados a ficarem com seus netos foram obrigados a ficarem isolados. Outros que moram sozinhos e não conseguem ir ao médico, foram impedidos de realizar suas atividades físicas ou de lazer. Separados de suas famílias, alguns revoltados, outros conscientes da necessidade dos isolamentos. E dentre os que já viviam sozinhos, muitos se sentiram totalmente abandonados e desamparados. Pessoas que trabalhavam em shopping sem poder trabalhar, afastadas de seus locais de trabalhos, sendo que alguns possuíam renda baseada em comissões das vendas, sem saber como será que irão conseguir salário para suas despesas, de mercado, aluguel, enfim todas as obrigações que antes eram realizadas. Por outro lado, as pessoas que se arriscaram para ir trabalhar, para tentar manter o salário que foi, muitas vezes, reduzido pelos empresários.

Desemprego em alta, com lojas estão fechando e número de empregados sendo reduzidos. O isolamento provoca medo, ansiedade, crise de pânico e distúrbios alimentares. Vulnerabilidade pelo momento atual, as questões de higiene pessoal, a falta de água em alguns locais. Todas estas questões despertam um alerta para os profissionais de Psicologia a ter uma reflexão sobre o isolamento, quando irá acabar ou que sequelas ele irá deixar numa população tomada pelo medo e desespero.

Por outro lado, o número de mortes levantado a todo o momento, os pensamentos automáticos que surgem que pode ser um familiar ou até mesmo os profissionais da saúde que estão na linha de frente, ou pode ser alguém do nosso convívio. Isto levou os sujeitos a experienciar emoções diversas: desespero, ansiedade, uma busca para tomar medicação por conta, medo da morte, mesmo sendo uma realidade para todos que um dia ela chega, parece que se perde o controle ao falar e ouvir muito sobre ela.

A preocupação gerada pela divulgação pelos meios de comunicação sobre o número de mortes foi intensificada com as manchetes mostrando valas com caixões, criando um medo generalizado, além de informações precárias de

veracidade. O fato do coronavírus se espalhar rapidamente e não existir um sistema de saúde para atender a todos também contribuiu para o sofrimento e o mal estar dos sujeitos.

Após estas inúmeras escutas, surgiu o interesse em aprofundar o entendimento sobre estas vivências, e também de pensar as vivências dos profissionais de saúde e suas possíveis dificuldades no âmbito da casa, pois os mesmos, durante todo este período, mantiveram suas rotinas laborais e precisaram se deslocar de suas residências para seus trabalhos.

As escutas e todas as mudanças percebidas remetem às seguintes questões:

Quais sentimentos a casa, sendo um abrigo necessário e obrigatório durante a pandemia, adquiriu certo desconforto durante o período de isolamento social?

A casa, conhecida por sua função de proteção, favoreceu o processo de apropriação durante a pandemia?

Quais as dificuldades encontradas pelos sujeitos em ficar tempo no espaço privado da casa durante o período de isolamento social involuntário?

O espaço físico da casa foi percebido como ameaçador?

Casas onde não apresentam apropriação dificultam manter o ambiente, interessante para suportar a convivência no mesmo por tempo indeterminado?

Espera-se que esta pesquisa contribua nas relações, na Psicologia, para ciência e para a sociedade.

- Espera-se que a pesquisa possa contribuir para uma maior compreensão da relação entre seres humanos e seu ambiente, mais especificamente, a relação com entre seres humanos e seu ambiente pessoal, ou seja, a casa;
- Espera-se que possa trazer para a Psicologia um alargamento de seus horizontes que vá para além da prática clínica, no entendimento que o sujeito se relaciona com seu ambiente por meio de todas as dimensões de sua subjetividade;
- Para ciência, espera-se que a pesquisa traga uma contribuição no sentido da gestão das pandemias, preocupando-se com a qualidade das moradias e organização do espaço da cidade;

- Para a sociedade, espera-se que a pesquisa possa pôr em evidência que as pessoas mais atingidas por uma pandemia são as que se encontram em situação de vulnerabilidade social e, dessa forma, subsidiar políticas públicas para inclusão e melhoria da qualidade de vida dessa população.

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo geral

Compreender a relação do sujeito com o ambiente de sua casa durante o período de isolamento social da pandemia de COVID-19.

1.3.2 Objetivos Específicos

- Identificar os sentimentos dos sujeitos da pesquisa em relação ao ambiente da casa;
- Mapear as dificuldades encontradas pelos sujeitos em sua casa durante o isolamento social;
- Identificar a rotina dos sujeitos na casa, antes e durante o isolamento social;
- Compreender a percepção da identidade de lugar, e se houve alteração durante a pandemia;
- Investigar o processo da apropriação da casa pelos sujeitos durante a pandemia.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 PSICOLOGIA AMBIENTAL

O que é Psicologia Ambiental? De modo geral, é o estudo do comportamento humano em sua interação com o meio ambiente.

A Psicologia começou seu interesse pelos espaços físicos após a Segunda Grande Guerra, verificando que as reconstruções das edificações após um determinado tempo do conflito apresentavam alterações, e com isso se percebeu que o espaço físico articula-se às relações pessoais e interpessoais, e que estas questões precisavam ser tratadas na atualidade (POL, 1996).

A Psicologia Ambiental se inicia por volta da década de 50 e começo dos anos 60, tendo seu nome de “Psicologia da arquitetura” depois dos anos 60 passa a ser reconhecida como um ramo distinto da Psicologia. Mesmo havendo a existência de trabalhos de diversas áreas da qual contribuíram satisfatoriamente para este novo ramo da Psicologia. Após anos 60 passa a ser reconhecida como um distinto ramo da Psicologia, mesmo tendo trabalhos de diversas áreas que foram de importância na contribuição para este novo ramo da Psicologia. Primeiramente relacionada aos cursos de arquitetura, pois os arquitetos precisavam atender a construção das cidades e a reconstrução do por guerra, quais as necessidades. E estes arquitetos atendiam clientes privados e agora existe uma nova realidade, sendo necessário acomodar desabrigados da guerra. E inicia-se a construção em blocos (MELO, 1991, p. 85).

Deste modo, a Psicologia Ambiental vem para produzir uma compreensão da relação da pessoa com este ambiente, tornando possível compreender de forma integrada como o indivíduo reage aos ambientes ao qual está inserido.

A Psicologia Ambiental tem caráter multidisciplinar, recebendo contribuição de outras áreas. Mesmo antes de ser reconhecida como área distinta da Psicologia, já havia pesquisas com perspectiva semelhante feita por cientista do comportamento, sendo que já havia interesse para estudos relativos às condições ambientais, como luz e ventilação, consideradas fatores que poderiam favorecer o homem no trabalho e, como resultado, aumentar a produtividade (MELO 1991, p. 86).

Diante disso, o surgimento da Psicologia Ambiental vem com a intenção de promover o desenvolvimento para capacitar profissionais para a promoção da

saúde nos espaços. Pois se constata que o indivíduo tem comportamento diferente em cada ambiente distinto, e este modifica o ambiente e o mesmo modifica o indivíduo.

O espaço físico ganha destaque na Psicologia Ambiental, pois nos seus estudos concentram-se nas relações do indivíduo com este espaço, e a maneira como este sujeito se comporta e irá agir. A constituição do indivíduo tem uma dimensão temporal, demandando uma análise do tempo de vida do mesmo, que difere de avaliar uma árvore ou qualquer outro ser vivo na forma de seu desenvolvimento (MOSER, 1998).

Quando o indivíduo constrói uma história residencial, com vivências, isto vem a proporcionar que este indivíduo construa sua identidade naquele espaço, constituindo uma percepção e uma avaliação de sua atual moradia. Comportamentos efetuados em curto espaço de tempo tendem a não ser constantes, então cabe a psicologia ambiental promover uma conscientização de que os comportamentos pro-ambientais precisam ser incluídos nos hábitos individuais e coletivos (MOSER, 1998).

Na questão de tempo, o autor ressalta que se podem adquirir comportamentos, que tenham prioridade para o individual, e o que deveria estar em questão seriam as mudanças de comportamentos em benefício do coletivo e para as futuras gerações. Mas a Psicologia Ambiental ressalta que comportamentos em curto espaço de tempo, não duram, e este sim vem a ser um problema para a Psicologia Ambiental, onde se faz necessário promover a conscientização de que comportamentos pró-ambientais precisam ser introduzidos nos hábitos individuais e coletivos dos indivíduos (MOSER, 1998).

Nas palavras de Moser (1998, p. 124),

Do ponto de vista metodológico, pode-se dizer que a Psicologia Ambiental é um laboratório da Psicologia. Em Psicologia Ambiental, para resolver determinados problemas, ter uma ideia mais clara da complexidade do ambiente, utilizamos muitas técnicas e resultados da Psicologia, mas também temos que nos renovar.

A maneira como o ambiente vai sendo construído e o modo pelo qual este espaço é organizado podem tornar o mesmo um ambiente agradável, facilitando as relações, e do contrário, o mesmo ambiente pode facilitar a hostilidade, a angústia e opressão (GONÇALVES, 2007). O gostar da casa e

construir ambientes agradáveis vem a se tornar um provedor de saúde. Da mesma forma, não gostar do espaço físico onde se está inserido pode se tornar um aprisionamento e vir a trazer angústia, medo, sensação de isolamento para os sujeitos.

Gonçalves (2007) diz que o sujeito e a comunidade vão transformando o espaço, deixando suas marcas ou as suas estampas e o incorporam a seus processos humanos. Este processo envolve a cognição, a afetividade, a estética e a linguagem simbólica. E este espaço irá adquirir características da comunidade que vive neste local. Desta maneira o local pode adquirir uma identificação no qual o morador se reconhece como parte dele.

Segundo Gonçalves (2007), a maneira pela qual cada indivíduo se apropria do lugar dá-se de forma subjetiva (experiência internalizada), trazendo modelos culturais, sociais, estilo de vida, dentre outros. A complexidade da apropriação reside em analisar dois aspectos essenciais: o comportamento e a ação transformadora e a identidade simbólica.

Esta experiência interna irá favorecer para que o comportamento seja transformado no espaço e ainda que este espaço traga consigo uma representação de seu significado pessoal inserido nos modos que o morador se constituiu como sujeito.

A apropriação do lugar vai acontecendo proporcional ao enraizamento no, lugar, a identificação através de elementos que remetam sua história, ou parte dela são necessários para que o processo de enraizamento venha a ser constituído (GONÇALVES, 2014). Sendo este local uma construção social, são observadas distintas formas que demonstram práticas diárias relacionadas ao seu modo de vida dos sujeitos (SOUZA, 1995).

O processo de apropriação do lugar, segundo Por (1996), acontece mediante identificação, personificação, cultivação e pertencimento, que são definidos a seguir.

- **Identificação** consiste na forma de organizar o espaço, quando a cultura se torna visível, como por meio de objetos que remetem a épocas com importância para o indivíduo. No momento que o indivíduo muda-se de local, e este não apresenta esta identificação, haverá uma dificuldade de adaptação, sendo necessário que

aconteça uma interação para facilitar o processo (GONÇALVES, 2014).

- **Personificação** se evidencia quando o espaço possui uma representação para o morador, uma organização na estrutura e comportamento, sendo que irá direcionar sua vida. O lugar e a subjetividade realizam trocas entre si, enquanto um deixa marcas no local, as características do mesmo em si. (GONÇALVES, 2014).
- A **Cultivação** se verifica na maneira como a casa é cuidada fisicamente, na conservação e na função simbólica, no momento que se cria o espaço que favorece o convívio, e uma interação externa e interna para com o sagrado (GONÇALVES, 2014).
- O estado de **pertencimento** é quando o indivíduo se sente parte integrante de um lugar, que se apropria, personifica e pode cultivar (GONÇALVES, 2014).

Outro conceito importante para a Psicologia Ambiental é a identidade de lugar. A identidade do lugar surge ao se fazer referência a um determinado local, onde o mesmo traga cultura e memórias a partir das quais o indivíduo constrói sua identidade e se reconheça como integrante do mesmo.

Leitão (2009) traz que a casa é uma obra coletiva, ou seja, ela expressa a cultura do sujeito. A autora admite que o pensar sobre a casa dessa forma não é uma idéia comum. Coloca que o espaço de morar sempre foi visto como o lugar íntimo da pessoa, mas, ao mesmo tempo, a casa é a unidade espacial básica que o fazer arquitetônico produz.

A autora afirma que pertencer a um lugar independente dele existir ou não, pois é possível encontrar e estar neste local somente por meio da memória. Na descrição de Leitão (2007) sobre uma experiência familiar esclarece esta afirmação. Ela relata o momento quando é informada da morte de uma tia, com a qual teve muitos momentos durante sua infância vivenciados na casa dela. E esta casa da tia que pertence à sua infância ganha grande importância, imediatamente vindo à sua memória lembranças vivido nessa casa. Esta casa é marcada tanto pela singularidade do sujeito, quanto por suas vivências e, então, memórias.

Para Gonçalves (2007), Proshanski, Fabian e Kaminoff (1983) são os autores da Psicologia Ambiental que falam com mais profundidade de identidade de lugar. São autores norte-americanos da Escola de Chicago onde praticamente

nasceu ou foi renascida a Psicologia Ambiental. Os autores trazem que a partir da discussão dos processos sociais e culturais que envolvem a auto-identidade, a compreensão do significado dos ambientes físicos e suas propriedades emergem mais claramente.

A hipótese dos autores é que o desenvolvimento da auto-identidade não se restringe a fazer distinções entre si mesmo e outras pessoas significativas, mas constitui um processo que inclui objetos e coisas (GONÇALVES, 2007).

Assim, os autores enfatizam o papel do ambiente social na construção da identidade individual. Chamam a atenção para as dificuldades de a Psicologia considerar a real importância do contexto social e cultural no processo de construção da identidade individual devido a sua prática ser voltada para o estatuto da clínica com ênfase quase que exclusiva nos processos individuais (GONÇALVES, 2007).

A Psicologia Ambiental, na visão dos autores, propõe preencher essa lacuna, considerando a importância do ambiente físico e cultural na construção das identidades. Portanto, a identidade de lugar, para os autores, é a incorporação dos conteúdos simbólicos do ambiente à própria identidade (GONÇALVES, 2007).

Autores da Geografia Cultural e da Geografia Humana vem dar suporte às teses da Psicologia Ambiental sobre a identidade do lugar. O principal deles é Yi-Fu-Tuan nas obras *Espaço e Lugar* (1983) e *Topofilia* (1980).

Para Dias e Miranda (2015), a década de 1980, no Brasil, apresentou a renovação da Geografia, com o cenário do surgimento da Geografia humanista, em especial com a influência de Yi-Fu Tuan. Esse autor chamou a atenção e desenvolveu uma crítica à geografia clássica ligada a descrição da terra e sua desconexão com as Ciências Humanas. Para Tuan (1983), os lugares não são somente paisagens geográficas, mas sim constituídos por expressões culturais, sociais e afetivas do ser humano. Propõe que a Geografia estude o humano através dos estudos das relações das pessoas com a natureza, seus sentimentos e ideias a respeito do espaço e lugar. Espaço e lugar são, na visão do autor, termos familiares. Vivemos no espaço, nossa casa está em um espaço geográfico, as paisagens da natureza nos são familiares, a montanha, o rio, um dia chuvoso. Contudo, internalizando essa paisagem e a representando-a dentro de si, o homem constrói uma representação do espaço que é humanizado quando ele aí, e, nesse

espaço, constrói lugares. Nesse momento, o espaço torna-se território, pois tem a força humana, as relações de poder.

Santos (2008, p. 71) assim definem o espaço:

O espaço seria um conjunto de objetos e de relações que se realizam sobre estes objetos; não entre estes especificamente, mas para eles servem de intermediários. Os objetos ajudam a concretizar uma série de relações. O espaço é resultado do homem da ação dos homens sobre o próprio espaço, intermediado pelos objetos, naturais e artificiais.

Em *Metamorfoses do Espaço Habitado*, o autor ressalta que o espaço habitado é continuamente transformado pela ação humana que constrói os lugares com os quais se identifica (SANTOS 2008).

Damatta (1997, p, 19) afirma que “o espaço pode ser comparado ao ato de respirar, sem este se torna impossível o viver”. Para se situar em um espaço, é preciso ver e sentir o mesmo por meio de experiências. No momento que as sociedades diferentes são estudadas, se tem contato com sistemas, pois ao se verificar as ruas nestes diferentes locais se percebe que as ruas não seguem normas sociais diferentes. Verifica-se que a ordem espacial, da maneira como é percebida, apresenta o mesmo padrão e as casas, por sua vez, têm endereços personalizados. Esta afirmação faz lembrar cidades do interior, onde ao prestar informação para quem chega à cidade, a descrição da casa como do proprietário e suas características são fidedignas.

De acordo com o mesmo autor, para interpretar o espaço e sua construção se torna necessário entender a sociedade com as suas redes sociais e seus valores existentes. Damatta explica que podemos indicar locais e regiões sociais ao falarmos com a expressão ‘acima’ ou ‘abaixo’, podemos qualificar como a velha ou nova construção indicando antiguidade, da mesma forma como também indicar o local mais pobre como também de menor prestígio (DAMATTA 1997). O tempo e o espaço podem ser percebidos com uma clareza melhor frente ao modelo de capital onde existe uma padronização. Tempo e espaço não podem ser separados, pois, quando se pretende tratar de um, necessariamente considera-se o outro. O autor salienta que quando existe uma dedicação ao trabalho, numa jornada de segunda a sexta-feira, por exemplo, os finais de semana possuíam atividades mais intensas e diferentes de toda a semana, existindo uma distinção do tempo. De segunda a sexta, o tempo é utilizado em atividades mais internas,

cabendo aos demais dias uma distinção clara de externo. Isto se alia a atividades existentes neste local permitindo uma vivência, como também de contrastes (DAMATTA, 1997).

Damatta (1997) afirma também que entre casa e rua existem aspectos a considerar, o autor afirma que pode existir certa inimizade entre casa e rua, vindas a apresentar um caráter especial. Na rua apresenta os locais fechados onde o grupo que frequenta o mesmo se apropria e sente este como sua casa. Quando se olha para a rua se imagina que lá só existe a malandragem, pilantras e marginais. Esquecemos que na rua circulam os mesmos integrantes de uma casa, que são vistos como pais de famílias e donos de casa, e respeitados por suas famílias.

A inimizade entre ambas apresenta um caráter especial, onde a rua apresenta locais fechados que são apropriados por um grupo, gerando um sentimento de sentir-se em casa ao apropriar-se do mesmo. Ao olhar para esta questão se imagina que na rua, vivem a malandragem, os marginais e pilantras. Deixando de avaliar que estes mesmo na rua, são os mesmos decentes e muitas vezes pais de família respeitados em suas casas. A rua é percebida como um espaço de individualização, onde a rigidez dos valores que existem na da casa já não permite nem garante a harmonia dos mesmos (DAMATTA, 1.997, p 40). O espaço da rua demarca o espaço individual e o coletivo, e ambos se mantêm num formato de exclusividade de acontecimentos.

Diante da análise do autor, podem existir contradições entre a casa e a rua, no comportamento de seus moradores, pois a casa é percebida como um local calmo, local de encontro com a família, mantendo as características de um pai, ou membro familiar que expressa uma representatividade. Porém, quando este ambiente é invadido por dramas e conflitos de um integrante da família, este pode receber retaliações e acaba sendo convidado a sair do meio de convívio. Após sair e passar por dificuldades, é aceito no convívio novamente, sendo interpretada como o retorno uma recompensa para as dificuldades que viveram.

A casa é, então, um espaço que protege e é hospitaleiro, enquanto a rua é vista como forma de ameaça e perigo (DAMATTA, 1997, p. 40).

A identidade se faz a partir do significado que o lugar possui para o indivíduo. A identidade de lugar se apresenta como uma parte específica do “eu” do sujeito. Ele se constitui numa complexidade, onde pensamentos conscientes e

inconscientes surgem, idéias, demonstrações de afeto, valor, finalidade, aptidão, prioridade e sentido se fazem presentes (ARCARO; GONÇALVES, 2012).

Para que se forme a identidade do lugar, é necessário que aconteça uma apropriação do espaço. Ao apropriar-se do espaço, o indivíduo instaura em si a identidade do lugar. Esta identidade acontece na manifestação do sentimento, de manter um espaço que habita ou por se identificar com o mesmo quando neste espaço contiver características físicas, sociais, psíquicas e culturais deste indivíduo. Apropriar-se de um lugar acontece quando, ao passar de algum tempo, o sujeito deixa suas características e transforma o mesmo. Afirma-se que houve uma reapropriação no momento que o mesmo coloca neste ambiente objeto ao qual o mesmo se identifica, ou seja, a sua marca pessoal (ARCARO; GONÇALVES, 2007).

Segundo Arcaro e Gonçalves (2012, p. 40),

Cada sujeito se apropria de um lugar de forma diferenciada, dependendo, portanto, de modelos culturais, sociais, estilo de vida, entre outros". "Os processos de apropriação são complexos e se dividem em dois aspectos fundamentais: comportamentais de ação-transformação e de identidade de lugar simbólica – identidade do sujeito com o espaço, na qual se incluem os processos afetivos, cognitivos e interativos.

Gonçalves (2012) conclui que nestes processos de identidade de lugar, o simbólico se apresenta com elevada importância. Dado que o sujeito constrói sua identidade na relação com o espaço mediado pelo simbólico, e desenvolve processos na interação, cognição e, ainda, os de afetividade com o lugar.

Ao decorrer do ciclo da vida, existe uma necessidade que os espaços físicos sejam mudados, como também o ideal interno, visto que os desejos e necessidades variam da juventude até a velhice. Verifica-se que, quando jovem, existe uma necessidade de ter seu espaço com seu gosto pessoal e, já na velhice, as mudanças no espaço podem levar a sentimentos negativos, pois podem ser percebidas como perder suas referências ou características (MOURÃO, 2008, p. 208).

Sobre a memória na velhice, Brandão (1999, p. 51) pontua que

Recordar para o idoso não é doloroso e nem deve ser visto como uma fuga da realidade atual. Ao contrário, rememorar possibilita a ressignificação, unindo passado, presente e futuro, que se harmonizam

reforçando a sensação de pertinência a um grupo de origem e a um destino.

O recordar pode ser uma oportunidade para ressignificar fatos e lugares que, por muito tempo, tiveram uma visão única, uma nova forma de olhar a situação libertando-se de algo que traz algum desconforto e revivendo o que toca a alma, trazendo sentidos para se manter na memória.

Segundo Proshansky, Ittelson e Rivlin (1970, p. 05),

A identidade de lugar como uma sub estrutura cognitiva de identidade própria consiste em uma variedade infinita de cognições relacionadas ao passado, presente e configurações físicas antecipadas que definem e circunscrevem a existência cotidiana das pessoas. Essas cognições são desenvolvidas por meio do engajamento seletivo da pessoa com seu ambiente, tanto no nível consciente quanto no inconsciente. Mas há também o processo pelo qual a experiência de um ambiente físico passa do estágio de 'agora em diante' para o estágio de 'ser lembrado'. Por meio desse processo, a experiência real da pessoa é modificada pelo processo cognitivo de memória e interpretação e outros como fantasia e imaginação. Não experimentamos apenas as realidades físicas, por exemplo, do bairro em que crescemos, mas também os significados e crenças sociais atribuídos a ele por aqueles que vivem fora dele, bem como por seus residentes. Todas essas "cognições" definem a identidade do lugar da pessoa.

Considerando que na identidade de lugar aconteçam agrupamentos de componentes cognitivos, indaga-se como irá acontecer a inter-relação entre o físico e o cognitivo? Além de atividades diárias e uso contínuo, os autores afirmam que as atividades pessoais conseguem se sobrepor ao ambiente físico. Salientam o exemplo do espaço de trabalho que, em sua forma de organização, poderá refletir características que estejam presentes na casa do indivíduo. Existe uma distinção entre os indivíduos e seus respectivos trabalhos, e como cada um avalia o ambiente no qual se encontra inserido (PROSHANSKY; ITTELSON; RIVLIN, 1970, p.08).

Vários níveis contribuem na construção de identidade. Além dos aspectos individuais, a dimensão social, étnica, entre outras, farão parte deste processo. Também são importantes o local de nascimento, onde o sujeito se desenvolveu, local onde formou referências que estas são importantes para sua vida (PROSHANSKY; KAMINOFF, 1970, p. 08). Assim, segundo Proshansky, Ittelson e Rivlin (1970, p. 08),

Identidade de lugar influencia o que cada um de nós vê, pensa e sente em nossas transações de situação para situação com o mundo físico. Ele serve como um pano de fundo cognitivo, ou talvez melhor dito, como um 'banco de dados' do ambiente físico contra o qual cada experiência de ambiente físico pode ser 'vivenciada' e respondida de alguma forma. Em termos gerais, o que está em jogo é o bem-estar da pessoa.

2.2 A CASA, O ESPAÇO QUE ACOLHE O INDIVÍDUO OU O COLETIVO

O espaço da casa vem a ser o objeto de estudo desta dissertação. Esta delimitação oferece um questionamento sobre como esse espaço pode contribuir para a compreensão de conceitos da Psicologia Ambiental e, ao mesmo tempo, como estes conceitos podem auxiliar para a construção de uma visão mais ampliada e aprofundada sobre este espaço. A casa é um espaço que se habita e pode trazer consigo marcas, memórias, abrigo, local de segurança. Por outro lado, pode ser visto como ameaça em circunstâncias especiais, como durante o isolamento social, quando as pessoas se fecharam em suas casas para se defenderem da morte. Por certo, muito ameaçador, porque quem ameaça não é visível, é um vírus. E, sob tensão e medo, como manter boas relações dentro de um espaço restrito? A casa tão sonhada que pode abrigar o sujeito depois de um dia de trabalho, para descansar meu corpo e ter o abraço de alguém; durante o isolamento social, também pode trazer o sentimento de aprisionamento.

A casa evidenciada como um espaço que acolhe e protege tiveram algumas oposições. Percebeu-se que pode vir de encontro nas palavras de Heidegger, ao estudar e se questionar o que significa este "habitar", associando-o ao "estar ali". Sennett (2018, p. 144) traz os questionamentos de Heidegger:

Sobre as dificuldades de habitar, o indivíduo deve lutar para se enraizar e assim combater a "ansiedade", a insegurança ontológica, que contamina a experiência humana com o avançar do tempo, comprometendo a vinculação de cada um aos lugares e aos outros.

Pode-se perceber que o habitar promove um controle para os desconfortos que possam surgir no ciclo de vida do indivíduo, tanto consigo mesmo quanto com as interações coletivas.

Segundo Bachelard (1988, p. 26),

A casa é uma das maiores forças de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem”. Mesmo quando ela é humilde e cheia de defeitos, no devaneio torna-se reconfortante, dá estabilidade.

A casa comporta integrar os pensamentos, o que teve vivência naquele espaço como também todos os projetos idealizados, mesmo sendo uma construção humilde. Ao se ter devaneios de uma casa idealizada esta fornece uma estabilidade e reconforta seu morador, constituindo uma força para integrar o que está dentro dela, seja com as relações e com as idealizações (BACHELARD, 1988).

Corona e Lemes (1972, p 257) definem habitação como “lugar no qual se habita. Constitui em arquitetura, o abrigo ou invólucro que protege o homem, favorecendo sua vida no duplo aspecto material e espiritual. Ato ou efeito de habitar . Morada. Residência”. Este local pode permitir que, através da percepção, aconteça uma relação no grupo onde as características pessoais sejam evidenciadas ou percebidas.

Habitar pode oferecer a hospitalidade. Segundo Alencar e Freire (2003), a hospitalidade se refere não somente ao ato de hospedar o outro, mas de acolhê-lo com prazer. A hospitalidade é receber o outro com suas diferenças e oferecer acolhida agradável no espaço. Ela toma forma com regras e restrições estabelecidas entre quem acolhe e quem são acolhidas. Na compreensão de Nerrida (2003), é como se fosse impossível a hospitalidade sem estas leis definidas (ALENCAR; FREIRE,2003).

Damatta tem uma percepção da casa como um espaço de divisão e relação, no qual a família, com suas relações, contribuem para que o indivíduo se legitime neste espaço (DAMATTA, 1997, p.66).

Segundo Felipe (2010, p. 302), “a casa ultrapassa a condição de espelho da alma, possibilitando uma espécie de autoanálise que leva à revalorização da própria humanidade. Quando o homem se vê projetado no exterior, torna-se, potencialmente, um pensador de si mesmo.”

Nas palavras de Bachelard (1988, p. 26), “a casa é uma das maiores (forças) de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem”. A casa é memória e convívio, diz Jorge Campos Valadares (2000). “A casa está viva como uma presença geográfica” complementa o autor referindo-se à

obra do geógrafo Milton Santos. Constitui, assim, o “sítio do homem como local de passagem e permanência” (VALADARES, 2000, p.84).

No plano civilizatório da polis, diz Valadares, tudo se derrama pelo espaço da cidade sobre a paisagem constituindo o que ele chama de cultura, ou seja, tudo o que é feito e compartilhado a partir da memória e do convívio ‘a casa do homem é, antes de tudo, lugar de presença e de construção de histórias’ (VALADARES, 2000, p.83). Aqui o autor insere a casa no contexto da cidade; dentro da coletividade, ela prescinde do outro para se constituir um lugar para o sujeito, demarcado na paisagem. Quando faço minha casa no meio urbano está fazendo a cidade na qual habito. Ao se reportar aos gregos com o conceito de *polis*, ou seja, de cidade, Valadares amplia o significado da casa. E inclui a dimensão da memória, não somente individual, mas no âmbito coletivo. Portanto, ao falarmos de casa nessa perspectiva, estamos falando da casa simbólica com um sentido de que, enquanto construção física está na paisagem, também fazendo e contando história. Por isso, o autor diz que os monumentos falam e até as lápides dos cemitérios mostram os rastros de alguém que por este mundo passou (VALADARES, 2000).

Silva e Marcilio (2020, p.251), baseando-se em Bachelard (1988), afirmam que:

Faz-se a pensar a dinâmica da casa não só em relação ao seu espaço geométrico, mas também a dinâmica do habitar, que na visão de Bachelard (1978), transcende a lógica da materialidade. Para o autor, a casa não é uma caixa inerte, porque ela remodela o ser humano, sendo um instrumento de “topoanálise”, podendo ser analisada a partir da ritmanálise, isto é, da dinâmica espaço e tempo. Em sua perspectiva, a casa é um “estado de alma”, afeta e é afetada na relação estabelecida, mesmo que a experiência seja em total solidão. A casa, do ponto de vista de sua essência poética, pode ser entendida também como referência do partir e do regressar. Portanto desperta sentimentos como enraizamento e permanência, sendo definidora nossa relação com o mundo.

Área de significação, a casa não compreende apenas um espaço ou uma divisão que se distingue da rua, pois existe um valor para as relações que acontecem neste espaço e se interligam, sendo distintas e complementares.

Damatta (1997) afirma que, no espaço da casa, existem diferenças de poder, pois cada integrante tem uma representatividade no local. Os indivíduos são distinguidos por prestígio, dinheiro, entre menos e mais, distinções que organizam

as estruturas básicas que configuram a existência dos integrantes do grupo de convívio (DAMATTA, 1997, p. 109). Para o autor (1997, p. 109),

A casa não é somente o equivalente ao espaço público (em oposição ao espaço privado) das sociedades européias, mas uma dimensão social de onde todo universo social é ordenado sob uma determinada perspectiva. Não se trata de um espaço complementar ao mundo público, como o como o interno se opõem ao externo e o complementa, mas também de uma dimensão que muitas vezes abarca todo o universo social, fazendo desaparecer as outras dimensões. Normalmente casa, rua e outro mundo se complementam e se afirmam num dinamismo de segmentação e exclusões. Mas há ocasiões onde cada uma delas pode englobar todas as outras, fazendo com que o sistema fique como uma delas pode englobar todas as outras, fazendo com que os sistemas fiquem como que submetido à sua ética ou lógica social.

Segundo Felipe (2010, p. 301),

O ser humano através da casa opõe-se ao desconhecido e indiferenciado, para qualificar e dotar de valor distintivo um espaço, fundar um lugar: marco, delimitado e destacado do entorno, referência da identidade individual e familiar. A casa manifesta esse desejo de recriação do mundo a partir do caos, um mundo resumido, dominante da ordem natural, cultural e espaço-temporal. Um lugar que se consolida como centro do universo, de onde partem, por contraposição, todas as definições conferidas por nós ao meio exterior.

O que vem a ser esta casa, um espaço privativo, individual, coletivo, cheio de sonhos, esperanças, enganos, alegrias, tristezas, memórias, angústias? O que este espaço traz para seu morador, a completude de si ou a falta de uma percepção de falta de si?

A casa oferece segurança, um espaço acolhedor, um local íntimo, pessoal, e ainda coletivo aos que estão no mesmo local. Uma busca de conforto onde exista a satisfação, e também um sentimento de proteção para si e demais integrantes deste ambiente. Ao se executar uma construção há uma busca de diferentes objetivos.

O autor afirma que no Brasil, se pode viver numa constante oscilação, onde exemplifica que as pessoas podem divergir e ser contraditórias às opiniões, e mesmo assim haver um posicionamento no espaço da casa.

No espaço da casa existem regras criadas que podem remeter à tradição, que pode ser observada nas relações familiares existentes nele, como também as relações afetivas desenvolvidas no espaço. Este espaço representa um mundo onde não deve entrar o que vem da rua que é o local do individualismo, o

mundo onde acontecem mudanças, transformações e suas catástrofes naturais (DAMATTA, 1997, p. 110).

Tuan (1980) afirma que:

O “estar “em casa” é um sentimento que conforme os autores afirmam serem necessários para acontecer o enraizamento. O enraizamento pode ser definido como um sentimento de “lar” e ligado ao aspecto geográfico, consegue dar a noção deste. Um dos fatores que favorecem o enraizamento é a permanência num mesmo local por longo tempo.

Terkenli (1995) define “enraizamento como um conceito inerentemente geográfico e é central à noção de lar”. Pode ser percebido com o sentimento de lar, estar em casa. Neste sentido, Tuan(1980) conclui:

Enraizamento em essência significa estar completamente em casa – isto é, irrefletidamente seguro e confortável em uma localidade particular. Excluir, assim, não apenas a ansiedade e a curiosidade pelo que existe além da próxima montanha, mas também pelo que existe além do tempo presente. (p. 5)

Estar em casa, com a segurança e a particularidade do espaço sendo protegido pela vivência do presente. Pallasmaa (2011, p.60) afirma que:

“A experiência do lar é estruturada por atividades distintas - cozinhar, comer, socializar, ter atos íntimos - e não por elementos visuais”. Em sua perspectiva, uma sala não é simplesmente um sofá, uma TV, um hack, ela também é a conversa, o aconchego, a segurança, a brincadeira, isto é, uma atmosfera que envolve a experiência do habitar. O autor aponta que “Podemos também pensar que a casa celebra o ato de habitar ao conectar-se de modo intencional com as realidades do mundo” (PALLASMAA, 2017, p. 8).

Quando se analisa o que é o habitar, vai-se além de estar num local que ofereça uma forma de utilização, como estar e ocupar o local (FELIPE, 2010). Conforme Felipe (2010, p. 302),

O habitar surge como a própria condição essencial de existência humana, anterior, portanto, a toda arquitetura: habitar é habitar o mundo, ser no mundo existir. Circunstância relativa à satisfação das condições psicofisiológicas do ser humano, de seu ser como indivíduo e parte integrante do grupo social.

Valadares nos fala que a casa é um lugar enraizado no qual construímos nossa própria identidade pessoal e social.

A casa como contingência da condição humana foi trazida por Gonçalves (2014), que explica que esta concepção “remete a Heidegger (2003) quando em sua obra “Ser e Tempo” fala de nossa busca constante por nosso lugar essencial” (GONÇALVES, 2014, p.85). A narrativa de Heidegger (2003) caminha no sentido da narrativa de Bachelard (1988). Para este autor, a casa é nosso canto no mundo. Seria nosso primeiro universo. Nossa primeira demarcação no espaço e na paisagem.

Segundo Felipe (2010, p. 302), baseado-se em Bachelard (1988), explica que este autor

Contribui com a ideia de que a casa deve ser construída pelo corpo, para o corpo e a partir do interior, como o ninho e a concha(..) ambas assumem qualidades semelhantes a nossa cabana primitiva: proteção, segurança, intimidade, confiança, dissimulação, mimetismo, tranquilidade, repouso, simplicidade e fragilidade. Ninhos conchas e casas: o mundo resumido, protegido, privado por excelência é definido pelo próprio corpo.

Desta forma, a casa fornece uma ampla oportunidade para proteção e sentimentos serem manifestados, e através deste espaço, o sujeito vai construindo sua expressão, incluindo a cultura, que vai tomando formas neste espaço.

Moraes e Bressan (2017, p.20) analisam a casa como um reflexo do imaginário, afirmando que “o imaginário pode ser visto como um agendamento espiritual e antropológico específico, feito de acumulação, consonância, onipresença, relevância, temporalidade, sintoma de agendas, centralidade, tematização, saliência e focalização”.

Este espaço contará com uma arquitetura que visa atender as necessidades dos moradores. A arquitetura tem como objetivo, em suas construções, atender desejos que proporcionem o bem estar, a segurança e o conforto. Isto pode acontecer tanto em ambientes fechados ou não, coletivos ou privados. Espaços que possam representar a função de abrigo, como também oportunizar a manifestação de sentimentos (BESTETTI, 2014).

Sennett (2018), em sua obra *Construir e habitar: Ética para uma cidade aberta* questiona o papel da arquitetura tradicional de planejar sem levar em conta a opinião e desejos dos seus moradores. “E o mais grave está em impor à pessoa um projeto de casa que não considera os conteúdos simbólicos de sua percepção.” Cabe aos planejadores atender à comunidade, e não impor valores estranhos a

ela, diz Sennett. “Que direito teria uma pessoa como eu formado em Harvard, munido de pasta com estatísticas de dizer ao faxineiro ou ao motorista do ônibus e aos operários industriais de Boston como deveriam viver”? (SENNETT, 2018, p.14).

Silva e Marcelino (2020, p.252 apud PALLASMAA, 2017, p. 8) apontam que “Não apenas nossos corpos e necessidades físicas, mas também nossas mentes, memórias, sonhos e desejos devem ser acomodados e habitados. Habitar é parte de nosso próprio ser, de nossa identidade.”

Nossas memórias nos remetem a um habitar de fantasia, na qual a realidade está distante, mas a mente insiste em trazer um conforto para o passado que foi vivido. Segundo Felipe (2010, p.302), baseado em Galfetti (1999), afirma que:

A imagem do Paraíso está carregada de nostalgia e, mais que uma lembrança do passado, existe na consciência da humanidade como uma promessa, uma possibilidade futura. A construção da casa, microcosmo privado e controlado seria a materialização do sonho de retornar ao paraíso.

A Psicologia Ambiental questiona o posicionamento da arquitetura tradicional, por meio do qual as casas em condomínios são todas construídas sem levar em questão a subjetividade do morador.

Para Pol (1996), quando o sujeito deixa sua marca, seja através de objetos com os quais se identifica, já está, em grande medida, realizando a personificação. O autor explica que, ao estudar a prisão, compreendeu que este ambiente indica hostilidade, pelos símbolos e sinais que o constroem. Outra possibilidade de constatar essas percepções é através de conjuntos de casas de conjuntos habitacionais que, de forma geral, são construídas todas iguais. Porém, pouco tempo após serem habitadas, é possível perceber elementos que personificam os espaços a partir das histórias de vida dos moradores ali encontrados.

Desta forma, existe uma constatação de que nossa história pessoal vai alterar nosso ambiente. Nossas necessidades físicas, sociais, psicológicas e coletivas sofrem grandes mudanças.

Em algum momento o indivíduo pode estar em um local e não se sentir como integrante do mesmo, visto que a subjetividade é individual e suas

necessidades alteram-se conforme sua subjetividade. Pode-se ter uma ideia de lugar e não lugar, como vem o autor Bachelard (1988) concluir.

Ao contrário do lugar, o não lugar traz uma completude ao lugar, este lugar ao qual foi apropriado pelo indivíduo. O autor cita uma praça como exemplo de não lugar, um local onde o silêncio ocupa o espaço. E, em meio a isso, cita Winnicott (1982), que vem a referenciar que o verdadeiro lugar é construído no momento que este é conquistado. O indivíduo está constantemente à procura de seu lugar (BACHELARD, 1988).

Nas palavras de Bachelard (1988),

O *lugar* é o local privilegiado para surgimento do sujeito, dispensa os controles, mas aponta para sinais, limites, indícios, limites ideais, por onde se dá a nomeação. Aí, no *lugar-nenhum*, que para Georges Benko pode ser todos os espaços de *desaparecimento* da identidade e da cidadania e da nomeação dos sujeitos - os aeroportos, os motéis, as *auto-routes* ou *high-ways* são exemplos mais gritantes. Por lá, onde o sujeito pode fazer o seu ensaio, sua *Probeaktion*, como observou Freud (1925) em sua reflexão sobre o mecanismo emocional da denegação, ele pisa na cena humana, faz sua apresentação. E desse *lugar-nenhum* pode se representar o seu mundo, *constar* nessa habitação - que é gesto e construção - seus afetos, seus impulsos. É na tangência das ações nos territórios, espaços e lugares que se dá a situação do sujeito que será um momento de *contextuação* (Freud, 1974) das alegorias sempre iniciais da significação para os encontros e *desencontros*. Podemos afirmar com Kant e Freud que não há memória - e acrescentamos história - sem espaço e sem tempo. Esse espaço é o que queremos nomear *espaço-ambiente*. É ponto central de interesse do sujeito, pois lhe aponta limites seus e da ação social suportável, e nele se fermentam os acolhimentos (*holdings*) (Winnicott, 1982), as habitações.

Segundo Zaranchin (2002), as percepções do mundo acontecem através de espaços, que se dá em diferentes culturas e vão se constituindo de características próprias, com isso tem-se o espaço que se utiliza e que se ocupa.

Sager *et al.* (2003) afirmam que a Psicologia Ambiental é um estudo contemporâneo que tem como objetivo verificar a influência do ambiente sob a subjetividade e o comportamento humano. Ou seja, de que forma as características do ambiente afetam as relações interpessoais estabelecidas neste espaço. O autor salienta que existe interesse em pesquisas que estudam as crianças em suas brincadeiras e a forma que interagem entre si.

O sujeito interage no ambiente físico e social, que pode ou não favorecer o seu processo de desenvolvimento. Muitos constroem relações familiares relacionadas com emoções determinadas pelo conforto ao local, proporcionando ao

sujeito uma sensação de bem-estar naquele ambiente, visto que conforto diz respeito à subjetividade de cada indivíduo. Porém, o sujeito precisa do outro para construir sua própria identidade.

Caminhando na perspectiva de Valadares (2000) e Bachelard (1988), o homem, como resultado da experiência íntima com o seu corpo e com outras pessoas, organiza o espaço a fim de conformá-lo com as necessidades que não são apenas biológicas, mas também sociais culturais e psicológicas. Portanto, a casa está além do abrigo do corpo.

Neste sentido, Rabinovich (1997), baseando-se em Lefebvre (1970),

Faz uma distinção entre habitat, uma função simplificada, restringindo o ser humano a alguns atos elementares, como o comer, dormir, reproduzir-se e habitar, um espaço produzido socialmente, um fato antropológico expresso nas suas produções materiais e simbólicas, uma apropriação. A apropriação é a transformação da natureza, o corpo e a vida biológicos o tempo e o espaço dados, em bens humanos. É a meta, o sentido, a finalidade da vida social (p.173).

Para além das funções básicas, são proporcionadas pelo ambiente aos sujeitos, condições de busca e de sabedoria, ou seja, da condição central de sua existência. Se a casa está sempre ligada à possibilidade de segurança e proteção, ele é também lugar de expressão pessoal.

Uma casa com alma, portanto, é o espaço no qual os moradores exercem, sem restrições, os movimentos que lhes são confortáveis, no qual podem expressar suas características mais íntimas e particulares. A casa com alma é feita da mesma substância da qual são feitos seus habitantes, ela não somente reflete a personalidade dos moradores, mas nutre o universo mental deles. A casa com alma abriga e oportuniza momentos que fortalecem a identidade de quem nela vive (GONÇALVES, 2014).

Desta forma a identidade construída e o pertencimento caminham lado a lado. Não existe uma rigidez, pois é um processo que vai se construindo ao longo da vida. Segundo Bauman (2005 p, 17),

Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o primeiro indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age- e a determinação de se manter firme a tudo isso- são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”. Em outras palavras, a ideia de “ter uma identidade” não vai ocorrer enquanto o “pertencimento”

continuar sendo o seu destino, uma condição sem alternativa. Só começarão a ter essa ideia na forma de uma tarefa a ser realizada, e realizada vezes e vezes sem conta, e não de uma só tacada.

Alguns autores defendem o sentimento de estar em casa como uma necessidade para o enraizamento. Bachelard (1988) percebe a casa como potente força para integrar pensamentos. Por sua vez, Terkenli (1995) vai perceber esta casa como um sentimento, e afirmar que se enraizar é pertencer a uma local no âmbito do território ou espaço, sendo a casa e lar termos centrais de estudo em suas obras. O enraizamento enfatiza o estado de espírito centralizado num local definido, onde o sujeito possui o sentimento de fazer se pertencer a algum lugar. Em alguns momentos ou situações em que a identidade individual ou coletiva, se faz necessária, por vezes, se torna eficaz um retorno aos imaginários locais de origem para sentir-se constituído plenamente o processo de identificação (MASSOLA; SVARTMAN, 2000).

Bauman (2000) analisa que, nas últimas décadas, a sociedade saiu do estado sólido para o líquido. Este estado sólido compreendia o momento quando se verificava a existência de instituições que possuíam uma organização que ofereciam segurança de trabalho. No momento em que se torna líquida, conforme o autor caracteriza-se como imprevisível, tem-se a necessidade de se libertar de uma sociedade com um funcionamento que não oferece um suporte de organização, uma segurança.

Nas décadas de 50 e 60, surgiram estudos de satisfação com o ambiente residencial, na busca de encontrar melhorias com relação às pessoas ambientes. Após estes estudos, a satisfação residencial passou a ser um critério para qualidade de vida e guiar o planejamento urbano, da mesma forma que evidencia comportamentos individuais e coletivos para modificar o espaço. Deste modo, autores salientam que o ambiente residencial oportuniza ajustes/adaptações, com maior ou menor satisfação, e ainda promove aspectos objetivos e subjetivos na inter-relação entre pessoa e ambiente (HIGUCHI; KUHNNEN; PATO, 2019)

Segundo Rosa (2008, p.2 *apud* Arantes, 2012, p. 52),

A repetição de conjuntos habitacionais em séries de casas populares iguais, em lotes isolados, ou em idênticos edifícios de apartamentos, para as moradias de interesse social brasileiras, reproduz políticas e programas

governamentais defasados, indiferentes à qualidade projetual, os quais afetam negativamente a qualidade de vida proporcionada pelo ambiente construído (...).

Uma construção em série, levando em conta uma colocação maior de população na área urbana, uma busca por melhores condições sociais, e uma perda da memória coletiva, onde são criados condomínios onde antes existia campos, vizinhança para antigos moradores, sendo que os mesmo já não reconhecem mais seus locais de infância.

Bachelard traz uma reflexão na qual analisa o fato de existir uma preocupação ao se acreditar que fontes naturais não possuem uma finitude. O autor salienta que existem nas cidades, vontades e ações que possuem uma ligação direta que venham a alterar os espaços na geografia, na arquitetura e no direito. E quando não existe uma compreensão destas questões, pode existir um mal estar, que leve as angústias, depressões, que podem vir a ser demonstrados sob uma forma de estresse (BACHELARD, 1988).

2.3 DINÂMICAS UTILIZADAS PARA AFASTAMENTO DO GRUPO SOCIAL NA PANDEMIA

Isolamento social é uma forma de comportamento que pode ser voluntário ou involuntário, sendo realizado pelas pessoas quando desejam por vontade ou por determinação de algum problema grave a nível governamental, quando coloca toda uma população em risco, e esta medida aparece como um controle.

O novo coronavírus atingiu o mundo e exigiu mudanças na sociedade em geral. Com alto poder de disseminação, impôs práticas de isolamento para conter os níveis de contaminação, preocupando as organizações de saúde, médicos e governantes (BATISTA *et al.*, 2021).

Dentre medidas adotadas em diversos países do mundo, temos o isolamento vertical e o horizontal.

Isolamento vertical refere-se em restringir a circulação de pessoas que correm maior risco para evoluírem para casos graves e possíveis óbitos, como o caso de idosos com doenças já existentes, que deveriam se agravar devido à comorbidades. Seu impacto econômico se apresenta menor, pois atividades

laborais e comércio continuam a funcionar. Mas o grande perigo que se percebe é o efeito de congestionamento em hospitais (BATISTA *et al.*, 2021).

Na Coreia do Sul, houve o isolamento vertical, pois se mostraram eficazes para identificar os indivíduos que haviam contraído o vírus e, com isso, isolar e monitorar os grupos, impedindo o avanço da contaminação (BATISTA *et al.*, 2021). A eficácia da Coreia do Sul no isolamento e monitoramento de grupos se deve ao fato de que o país já possuía uma experiência no controle de surtos anteriormente. Conforme Rossi *et al* (2020, p. 02),

Os motivos apontados para este sucesso na resposta, no entanto, são distintos. Um estudo atribui o êxito à sua capacidade pré-existente, principalmente devido à revisão dos marcos legais e organizacionais após a MERS em 2015, possibilitando uma resposta rápida e eficaz pelo país durante a primeira onda da epidemia; adiciona o financiamento disponível, o sistema de governança e uma força de trabalho experiente na gestão de surtos. Outro conjunto de estudos afirma que o sucesso do país se deve à testagem em massa da sua população, levando a identificação precoce dos casos com isolamento, ao rastreamento dos contatos e quarentena dos mesmos. Há outro estudo que destaca que a confiabilidade dos registros de casos confirmados e suspeitos era muito alta, em torno de 95%, o que facilitava o manejo das informações e as intervenções em tempo oportuno. Foi também citado o uso eficaz de tecnologias móveis para rastreamento, fornecimento oportuno de equipamentos de proteção individual aos trabalhadores, tratamento adequado aos infectados e conscientização da população.

O isolamento horizontal tem como objetivo principal restringir a circulação do maior número de pessoas. Com isso, fecham-se os comércios e as instituições de ensino. Com este procedimento, a população fica restrita às suas casas, e desta forma se evita o contato e conseqüentemente a transmissão fica sob maior controle. O fato de existirem críticas a este modelo se deve ao fato das pessoas não poderem sair para trabalhar e isso pode gerar um impacto econômico (BATISTA *et al.*, 2021).

As diferenças entre as doenças já conhecidas e o contágio do covid-19, que ocorre de forma rápida e extensiva e a alta letalidade, a prevenção age sobre a forma como as pessoas vivem e compartilham entre si suas vidas e histórias. Para promover o controle da contaminação pelo vírus, o encontro entre as pessoas fica restrito, comprometendo o convívio e a proximidade como formas de evitar aglomerações.

O distanciamento social torna-se quase um desafio nas periferias urbanas. As periferias não estão na prioridade, mas são vítimas de falta de

condições sanitárias, formando um local facilitador da proliferação do vírus numa proporção calamitosa (SANTOS 2020).

A partir do isolamento foram percebidos aumento de violência doméstica, podendo ter acontecido por diversos fatores: tempo maior de convivência, ansiedade, dentre outros. Inúmeras tensões relacionadas ao contexto do confinamento da pandemia, irritabilidade, medos, gerados pelo isolamento social. Preocupações que surgem com a incerteza frente a contaminação, e a incerteza de suprir as necessidades básicas, crianças impedidas de ir às escolas, trabalhadores impedidos de deslocar para seus trabalhos, estratégias sendo criadas para as dificuldades do momento de isolamento.

Segundo Noal *et. al.* (2020 p 12),

Durante o isolamento social é possível que haja aumento no consumo de álcool e outras drogas no ambiente familiar, podendo elevar a probabilidade de ocorrer violência;

- Os acessos aos serviços de atendimento à mulher em situação de violência podem estar limitados devido aos esforços de enfrentamento à COVID-19, reduzindo o alcance a fontes de ajuda;
- Deve-se considerar que as diferenças sociais como cor da pele, classe social, orientação sexual, identidade de gênero e idade, deixam algumas mulheres mais suscetíveis à violência. “Além disso, a falta de recursos financeiros e o acesso restrito aos serviços de saúde dificultam o afastamento do agressor e o rompimento do ciclo da violência.”

Ornell *et al.* (2020) complementam:

As estatísticas internacionais demonstram que uma a cada três mulheres já sofreu violência física ou sexual perpetrada por um parceiro íntimo (WHO, 2014). Durante e após crises ou desastres em grande escala as taxas de violência doméstica tendem a aumentar (NZFVC, 2020). Dados apontam que menos de um mês após a WHO declarar estado de pandemia, a organização alertou que a violência contra mulheres durante períodos de emergência é uma grande ameaça à saúde pública global e tende a aumentar (WHO, 2020a).

Com a propagação do vírus da Covid-19, não houve como não ficar evidente a crise na saúde pública. Seu avanço exigiu forçar pessoas a ficar em suas casas, o que pode levar a uma ressignificação do espaço de morar. Motivada por acontecimentos que surgem no âmbito social, a ressignificação deste local leva a casa a se tornar o centro do contexto, pois trabalho estudo, lazer e convívio passaram a ser atividades realizadas neste ambiente, e a relação dos moradores

com este espaço acaba tendo novos significados (AVELLAR; ALMEIDA, 2020). Segundo Avellar e Almeida (2020, p. 02),

Entender os significados de cada espaço se torna fundamental para organizar e projetar cada ambiente, pois se percebe que a casa da pandemia passa por uma transformação, assim como os indivíduos que estão em isolamento social vêm refletindo sobre o significado das relações e o que realmente importa. Pode-se dizer que, nunca antes registrado pela sociedade contemporânea houve tanta preocupação com as questões emocionais, afetivas e morais a uma escala mundial. Afinal, estar isolado não é mais uma questão de opção.

Para Leite (2017, p. 02), “a contemporaneidade promove e incentiva cada vez mais a liberdade”. Uma falsa liberdade que individualiza, engessa; em que princípios como família, amigos, identidade, relacionamentos, trabalho se tornam voláteis e podem se desfazer com facilidade em troca de interesses econômicos. Na sociedade capitalista, a estética tende a imperar se sobrepor à ética e muitas vezes substituir a religião. A hipermodernidade se torna a era das relações superficiais, da sedução, do espetáculo e da diversão em massa onde de acordo com Lipovetsky e Serroy (2015, p. 23 apud Brandão, 2020), “a coletividade e a solidariedade são substituídas pelo individualismo” (AVELLAR; ALMEIDA, 2020 apud LEITE, 2017).

2.3.1 A cidade e as relações nos espaços da casa e urbanos na pandemia

Mudanças significativas aconteceram nas cidades no momento de isolamento social durante a pandemia, que alteraram a rotina de seus habitantes. O transporte público passou a ter horário restrito, passou a ser permitida a abertura somente de estabelecimentos que ofereciam serviços essenciais, como mercados, farmácia, posto de gasolina, postos de saúde e hospitais. O ir e vir passou a ser restrito somente para trabalhadores destes estabelecimentos.

Algumas pessoas foram para casa de familiares para estarem todos juntos, pois havia uma ideia de que isso traria mais conforto e proteção do que ficarem sozinhos em seus locais de habitação. Segundo Teixeira (2021, p 42),

No campo das relações interpessoais, o isolamento se configurou como solução e como problema, concomitantemente. A reclusão no âmbito doméstico revelou a impossibilidade que a rotina imaginariamente sustentava como possível; a ideia de que quando houvesse tempo ou

todos ocupassem o mesmo espaço surgiria satisfação e aproximação, o que não se cumpriu. Revelou também a necessidade de delimitação, pois de repente tudo estava perto demais, junto e temeroso demais, sem poder contar com algumas barreiras protetoras necessárias. O isolamento trouxe uma constatação das diferenças, (re)veladas. Seja do outro semelhante, seja do posicionamento do outro diante do coletivo e evidenciou que a tecnologia pode encurtar distâncias e fazer presença na ausência.

As relações interpessoais foram diretamente atingidas no espaço privativo e coletivo, pois ao estarem todos juntos surgem os conflitos que até então não eram percebidos, pois o tempo de convivência era pequeno. Com o aumento desta convivência as diferenças foram evidenciadas, e conseqüente percebeu-se a necessidade de existir uma delimitação na convivência sendo necessária. Como também a tecnologia que foi usada favoreceu ao encontro de possibilidades de atividades como também aproximar, mas em contrapartida afastou os que estavam próximos.

Ainda de acordo com Teixeira (2021, p. 43),

Assim, do ponto de vista psicanalítico, a posteriori, é uma expressão que sustenta os efeitos dos registros psíquicos, o “só depois”. Sujeitos do inconsciente, lidamos com efeitos: de experiências, histórias, complexos, conflitos e narrativas. É somente no a posteriori que poderemos reconhecer alguns dos efeitos da pandemia. Ainda que alguns deles já estejam postos, como o encontro com o inevitável da vida, o revelado no campo das relações, do esgotamento e do acúmulo de exigências internas e externas. Muitos sintomas surgiram e já estão a postos nos mostrando seus efeitos, traduzindo angústias em suas mais variadas formatações, nomeadas conforme as construções diagnósticas da contemporaneidade; em depressão, pânico, ansiedade, burnouts. E tantas outras nomenclaturas ofertadas pelos manuais de classificação internacional. Independente da nosografia, os medicamentos jamais serão suficientes para “tratar” os efeitos desta experiência. Por enquanto, ela parece ter revelado e ampliado todas as mazelas das quais trabalhamos psicicamente para afastar, sobretudo as mais difíceis, as dos desencontros humanos. Embora nada seja sem efeito, ainda não podemos afirmar quais serão de fato os desfechos desta pandemia, ainda vigente. Ainda que precisemos do a posteriori, o mal-estar depois de visto não pode ser esquecido, não há como insistir numa repetição idêntica, após a experiência com a diferença. Por enquanto, reverbera a canção Nada será como antes, do Milton Nascimento (1976): “Sei que nada será como está”.

O autor nos traz a reflexão que somente após passar por uma experiência poderão ser conhecidos os efeitos da pandemia, estes vivenciados entre as narrativas, conflitos que foram vivenciados no grupo ao qual se encontram inseridos. Muitos indivíduos já apresentam desgastes do convívio, enumerando-se entre os diagnósticos nomeados. Percebe-se que a pandemia expõe a fragilidade das desarmonias humanas. Mas com o tempo o desconforto não pode ser

esquecido e sim como uma mudança a se perceber que a realidade de hoje não pode mais retornar ao passado de como era, cabe uma nova visão frente ao que foi experiência.

Com a diminuição do número de casos e mortes após o avanço da vacinação, passou-se a se falar de voltar ao normal. Mas qual será a dimensão deste normal, sendo que a pandemia pode ter reformulado o conceito de casa, de lar.

Kothe (2021, p. 46), baseado em Alain de Botton (2007), escreveu que:

A arquitetura pode amplificar e solidificar tendências transitórias e tímidas e, portanto, nos permitir acesso mais permanente a uma variedade de texturas emocionais que de outra forma só experimentaremos acidental e ocasionalmente.

Observa-se que, dentro do espaço, as experiências podem ser conceituadas em sua importância ou não dependendo da subjetividade e das emoções percebidas em determinada situação. Kothe (2021, p. 47), dialogando com Botton (2007), enfatizam:

A tristeza do homem nos leva a uma ideia complementar. É talvez quando nossas vidas estão mais problemáticas que tendemos a ser mais receptivos a coisas belas. Nossos momentos de depressão proporcionam à arquitetura e à arte as suas melhores oportunidades, pois nesses momentos o nosso anseio por qualidades ideais está no auge.

O autor deixa a reflexão de que nas dificuldades existe uma clareza maior do que é importante ou não, e que a arte e arquitetura podem oferecer mudanças que atendam às necessidades num momento mais introspectivo, no caso de uma depressão. O bem estar no espaço atual a partir de nova ressignificação do espaço habitado deve ser a prioridade da arquitetura emocional. De acordo com Kothe (2021, p. 48),

Nesse sentido, se antes a arquitetura emocional em ambientes voltados para públicos focava em pensar nas experiências e nas sensações que o seu empreendimento pode despertar nas pessoas além do aspecto visual, com intuito de aproximar marcas e clientes, agora ela vai além de uma simples reforma ou re- decoração. Ela consiste em fazer uma ressignificação completa do espaço, com foco nas melhores sensações e no auxílio para a tranquilização dos usuários.

Uma das mudanças que aconteceu no isolamento foi da casa se transformar de espaço privado para público, vindo este espaço vir a ser uma própria cidade, modificando os hábitos que existiam dentro desta casa, incluindo o mundo digital no contexto desta moradia.

Gama (2021, p 55), segundo Alcoce e Martella (2020),

Com encontros em grupos de amigos e aglomerações públicas sendo proibidos, os mundos do trabalho, da educação e do lazer invadiram a vida doméstica das casas e as relações sociais se focaram através da rede mundial de computadores, a Internet. Compras e pedidos de comida foram feitos através de aplicativos usados em smartphone; instituições de educação, professores e educadores adotaram a troca de conhecimento através de aplicativos de encontro digital como *ZOOM* e *Google Meeting*. Shows e eventos culturais foram proibidos, assim artistas se apresentaram através de aplicativos como *Instagram* e *Facebook*. O espaço privado da casa se misturou com o espaço público da rua e quem não teve acesso a conexão de internet e *wifi* não teve acesso ao que as cidades estavam proporcionando.

O distanciamento de amigos e familiares, o espaço público proibido, criase novas formas de estudar e trabalhar através das tecnologias que adentram no mundo familiar e se estabelecem para as mais variadas atividades, desde comprar comida, até aplicativos que permitiam acessar shows e compartilhar conhecimento que até então era exclusivo acontecer nas escolas ou faculdades.

Por outro lado, quem teve internet percebeu que a infraestrutura no Brasil ainda é altamente precária e insegura. O enorme aumento de *phishing* e *scams* como golpes financeiros e de identidade tornou a vida de muitas pessoas um pesadelo. Tanto dos consumidores, quanto daqueles que necessitavam receber auxílios monetários dados por governos. O processo de digitalização da vida no Brasil aparece como um processo muito inseguro e frágil. O monopólio de empresas como *Facebook* (sendo dona do *Instagram* e *Whatsapp*) e do Google (com *email*, *Youtube* etc), acende um alerta claro. Ainda com o fluxo de comunicação sendo estabelecido essencialmente através da esfera digital, o ambiente público se tornou onipresente em nossas vidas causando uma saturação de informação que proporcionou o controle de algumas poucas companhias sobre nossos hábitos, gostos e necessidades diárias (GAMA, 2021, p. 55).

A forma de comunicação restrita ao ambiente doméstico acabou reformulando o conceito de trabalho, visto que já não saiam de suas casas mas não podiam deixar de produzir.

Gama (2021, p 56), segundo Alcocer e Martella (2020):

Com muitas parcelas da população se comunicando de suas casas, a exposição da vida doméstica se tornou algo comum e com isso o foco das

ações diárias se manteve no fluxo de informação digital, forçando grandes corporações e sistemas como bancos, agências de propaganda, redes de TV e rádio, produções artísticas cinematográficas e teatrais, e telemarketing a acomodarem seus trabalhadores para trabalharem a distância estando em suas casas. Com prédios de escritórios inteiros fechados, as casas tiveram que ser reacomodadas para a produção imaterial a distância. Esta adaptação ainda está ocorrendo e, considerando os esforços feitos massivamente para adequar pessoas para trabalharem a distância existe uma boa possibilidade de certos postos de trabalho não retornarem aos escritórios. Assim, a estrutura urbana desenvolvida durante os processos de industrialização do século 20 passará por uma pesada reestruturação de modo a achar novos jeitos de preencher esses novos vazios urbanos.

Destaca-se que novas tecnologias que favoreçam a preencher o tempo, promover o trabalho e os estudos, acaba por revelar o vazio das residências sendo que o necessário para manter a sobrevivência e os processos de produção , precisou articular com o essencial no ter, no consumo e com a sobrevivência.

Segundo Corrêa (2021, p.106),

A pandemia do novo coronavírus trouxe consigo uma forma de exílio para todos os países com os quais teve contato. Um exílio no interior de nossas residências e nas dinâmicas de nossos cotidianos, em que o essencial passa a ser entendido como aquilo que garante recursos suficientes para a sobrevivência fisiológica e a manutenção dos processos produtivos que sustentam as economias de mercado. O essencial se articula na objetividade do ter, do consumir e do sobreviver. Perdem-se, por consequência do vírus e por medo da doença, as outras formas subjetivas de articular os sentidos, sejam eles sensoriais ou do campo das ideias, daquilo que é essencial para uma vida digna.

A experiência deste exílio pode ser percebida por meio dos sentidos e dos sentimentos envolvidos, levando a um novo formato dos relacionamentos, como também das formas de consumo, que é essencial para a vida nesta casa em isolamento.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O estudo seguiu na modalidade de **pesquisa qualitativa**. Segundo a definição de Minayo (2006, p 22), a “pesquisa qualitativa se aprofunda no mundo dos significados”. Esse nível de realidade não é visível, precisa ser exposta e interpretada, em primeira instância, pelas próprias pesquisas”.

A coleta de dados se deu por meio dos seguintes procedimentos: a escuta qualificada, realizada de abril até outubro de 2020, e questionário, aplicado no mês de novembro de 2021, e entrevistas semiestruturadas, realizadas nos meses de março e abril de 2022.

O projeto de pesquisa foi avaliado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UNESC (Universidade do Extremo Sul Catarinense), e baseado nas diretrizes e normas do Conselho Nacional de Saúde sob a resolução que regulamenta pesquisas envolvendo seres humanos. Aos participantes a privacidade foi respeitada, assim como sua liberdade para desistir de sua participação no estudo.

Em meio à atual situação ocasionada pelo COVID-19, o Termo de Consentimento Livre Esclarecido foi digitalizado e o aceite deste foi feito digitalmente, via Plataforma *Google Forms*.

A pesquisa nasceu através de uma escuta qualificada realizada através de serviços de voluntariado durante o início da pandemia, nos locais do Hospital Universitário de Santa Catarina (HUSC), no projeto Acolher da UNESC, um projeto voltado para o atendimento psicológico de pessoas que apresentavam algum desconforto vivenciado no momento de pandemia, e na Igreja Abba Pai, sendo esta uma instituição religiosa que oferece gratuitamente serviço psicológico para quem necessita, independente do credo religioso.

A pesquisa foi realizada seguindo quatro etapas:

1ª ETAPA: Esta primeira etapa ocorreu de modo remoto, utilizando aplicativo Whatsapp. A pesquisadora realizou o atendimento psicológico de 35 pessoas nos projetos citados acima. Estes pacientes foram convidados a participar desta pesquisa, sendo que seis aceitaram.

Dentre estes atendimentos, foram selecionados seis(06) indivíduos que, após a escuta qualificada, foram convidados para participar desta pesquisa. Os integrantes da escuta qualificada foram de Criciúma, Rio de Janeiro, Paraná, Fortaleza e São Paulo. Seus relatos foram descritos individualmente pela

pesquisadora, que procurou mantê-los íntegros, obedecendo a critérios de anonimato e ética.

A escuta qualificada oferece um primeiro encontro com o indivíduo, facilitando ter acesso às suas necessidades, permitindo identificar riscos e vulnerabilidades, proporcionando uma intervenção mais assertiva.

A Escuta Qualificada se mostra como uma ferramenta potente para o conhecimento das reais necessidades de saúde da população. Possibilita o contato direto com os usuários, desvendando suas necessidades, bem como os fatores que influenciam direta ou indiretamente no seu processo saúde-doença. Essa escuta é capaz de identificar riscos e vulnerabilidades, produzindo um cuidado não restrito aos sofrimentos físicos e urgentes, levando os profissionais de saúde a intervirem de maneira preventiva diante das queixas apresentadas (DUARTE *et al.*, 2017, p 417).

A partir das escutas, a percepção das recorrências das queixas sobre o ambiente permitiu que esta viesse a ser introduzida à pesquisa, orientando a etapa seguinte do trabalho.

2ª ETAPA: Nesta etapa, foram incluídos profissionais da saúde.

Foram realizadas entrevistas estruturadas, através da Plataforma *Google Forms*, que foi respondido por 20 (vinte) profissionais da área de saúde da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Foram adotados os seguintes critérios de Inclusão dos participantes:

- Ser profissional da área de saúde da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC);
- Ter tempo mínimo três anos de moradia em Criciúma;
- Ter tempo mínimo de um ano em casa;
- Assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Os Critérios de Exclusão dos participantes se referem a não atender critérios de inclusão.

A escolha por profissionais da saúde se deu por estes estarem na linha de frente ao atendimento aos pacientes infectados com o coronavírus, pois eram médicos, dentistas, coordenadores de curso, e também tinham de deslocar de suas residências para seus trabalhos, ficando uma preocupação de, ao voltar para casa, não infectar seus familiares. Percebeu-se que era importante compreender como foi vivenciado o ambiente da casa por estes sujeitos durante este período.

Obteve-se o número de 20 participantes nesta etapa. Compuseram o coletivo de pesquisa profissional de saúde das diversas áreas, tanto morador de casas quanto de moradia vertical. Aos entrevistados foi enviado e-mail para convidá-los a participar da pesquisa. Esta etapa da pesquisa buscou compreender a relação dos profissionais da saúde com o ambiente de sua casa durante o período de isolamento social pela pandemia da COVID-19.

3ª ETAPA: Após uma avaliação das respostas dos questionários respondidos pelos profissionais de saúde, estes participantes foram convidados a participarem de uma entrevista semiestruturada para aprofundar algumas informações e proporcionar uma melhor compreensão. Dos vinte participantes iniciais, cinco responderam a entrevista. As entrevistas foram realizadas no modo presencial.

4ª ETAPA: Por fim, foi realizada a análise de dados, que seguiu as etapas estabelecidas por Gomes (2007), denominada de interpretação dos sentidos. Num primeiro momento, é realizada uma leitura do material para identificar as particularidades narradas pelos indivíduos, assim como os pontos em comum. Após esta primeira identificação, foram feitos recortes de suas narrativas, e procurou-se obter ideias implícitas e explícitas e articulares entre o material coletado e a fundamentação teórica. A partir deste processo, buscou-se responder os objetivos da pesquisa, a partir da síntese entre dados empíricos e teoria.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 EXPERIÊNCIAS DE CONFLITO NO ESPAÇO DA CASA DURANTE A PANDEMIA

Nesta seção, analiso os relatos dos sujeitos que procuraram atendimento psicológico on-line durante a pandemia, e que serviram de ponto de partida para as problematizações da presente pesquisa. Durante a pandemia, pessoas ficaram isoladas e muitas, sentindo um desconforto, acabaram buscando ajuda. Nestes relatos, além do desconforto do isolamento ou do ficar em casa só ou com pessoas de suas relações, evidenciam-se momentos de crise, e os mais variados sintomas e comportamentos sendo expressos.

Percebeu-se que este desconforto aconteceu nos variados grupos sociais, vindo a interferir na história pessoal e coletiva de cada indivíduo. Cada indivíduo apresenta uma necessidade, que, analisada a partir de uma perspectiva mais ampla, observa-se que sua história tem uma importância e uma representatividade social. O sujeito possui uma subjetividade e uma identidade, que reflete o grupo ao qual o mesmo se encontra inserido. Assim, cada relato de um sujeito particular permite avaliar, ao mesmo tempo, questões individuais e coletivas. Conclui-se que ao estudar um grupo de indivíduos temos um reflexo de um grupo social, com suas necessidades, e suas individualidades evidenciadas em um momento histórico ao qual esteja acontecendo.

Goldemberg (2004, p. 36-37) explica esta relação entre o indivíduo e a sociedade:

Para Franco Ferrarotti, por exemplo, cada vida pode ser vista como sendo, ao mesmo tempo, singular e universal, expressão da história pessoal e social, representativa de seu tempo, seu lugar, seu grupo, síntese da tensão entre a liberdade individual e o condicionamento dos contextos estruturais. Portanto, cada indivíduo é uma síntese individualizada e ativa de uma sociedade, uma reapropriação singular do universo social e histórico que o envolve. Se cada indivíduo singulariza em seus atos a universalidade de uma estrutura social, é possível "ler uma sociedade através de uma biografia", conhecer o social partindo-se da especificidade irredutível de uma vida individual. Ou, como afirma Norman Denzin, inspirado em Sartre, o homem é "um singular universal".

Segue abaixo uma descrição dos relatos individuais dos participantes, seguidos de comentários sobre como as dores, mal estar e sentimentos e emoções diversas estão relacionadas com a casa dos sujeitos.

Ane

Ane, paciente com 45 anos, natural do Nordeste, morava em Curitiba com o marido. Seu casamento estava com crises persistentes, que desencadearam a sua separação. Após este fato, ela teve de trancar seu curso da faculdade, pois decidiu mudar-se para Blumenau, e devido às suas condições, a faculdade foi a primeira despesa a ser evitada. Possuía somente uma amiga na cidade, sendo esta da mesma congregação de igreja. Mas, logo depois de sua mudança, esta amiga veio a mudar-se também, pois dentro de uma congregação é comum os dirigentes mudarem de cidade para cidade.

Seu primeiro desafio ao chegar à nova cidade foi arrumar trabalho, indo morar num espaço que tinha um quarto com banheiro e cozinha, sendo que ela mora neste local até hoje.

Passados alguns dias, ela conseguiu trabalho e começou a se situar na cidade. Conforme o tempo passava, ela foi conhecer a faculdade, chegando lá procurou o setor que oferecia bolsas, e explicou sua situação financeira daquele momento e que desejava muito concluir o curso. Então acabou conseguindo uma bolsa de estudo, podendo assim recomeçar seu curso. Mas logo as dificuldades não demoraram em surgir, pois as disciplinas que ela já havia cursado apresentavam uma carga horária menor do que era exigido. Desta forma, foi necessário refazer muitas disciplinas já realizadas.

Sentiu-se desmotivada, mas precisava continuar. Começou a sentir dificuldade com o espaço que vivia. Este local era próximo da empresa, mas distante da área central, dificultando as atividades de ir à igreja da qual ela gosta. Após algumas queixas, resolveu buscar ajuda. Já conhecia o serviço social e entrou em contato com a igreja, e após a triagem foi encaminhada para o atendimento de terapia realizada de forma on-line.

No momento de seu primeiro contato com a instituição, sua queixa principal era estar em um local pequeno e totalmente sozinho, um local que tinha poucas coisas dela, uma kitnet mobiliada. Neste local, somente seus objetos

pessoais eram seus. Não ter uma rede de apoio, como amigos e familiares na cidade, favoreceu sua angústia e sofrimento, e o fato de estar numa pandemia acabou não permitindo as pequenas conversas, e atividades sociais.

Suas idas à igreja não aconteceram devido ao período de isolamento social, pois este é seu local onde buscava amizades. A igreja serve de local de encontro para os que lá congregam, possibilitando que os sujeitos estudem e dividam suas experiências e, no momento da pandemia, isso não aconteceu, fazendo com que Ane se sentisse totalmente isolada, dividida entre trabalho e estudo on-line.

No relato de Ane, sua separação trouxe angústia, medo e insegurança, e foi acompanhada de mudança de casa, levando-a a se instalar em um local pequeno. A casa nova, espaço pequeno, cidade nova e a busca de novo trabalho todos estes acontecimentos o ao mesmo tempo gerando um desconforto. Estas questões podem ser mais bem explicadas ao se verificar o desenraizamento. Quando existe uma mudança de local, também existirá um desconforto no novo local. Conforme Gonçalves (2017), o indivíduo transforma seu espaço, nele estão suas marcas, seus processos humanos, as suas características inseridas no referido local. Outro fator percebido entre as queixas de Ane, a falta de estar com seus amigos e familiares, demonstra a importância de uma rede de apoio no momento do qual ela estava vivendo. Para tanto, Gonçalves (2007) e Proshansky, Fabian e Kaminoff (1983) reiteram a importância dos significados dados ao espaço criador de sua auto identidade, salientam a importância do grupo social ao qual o indivíduo se encontra para que o mesmo crie sua identidade individual.

Aline

Aline, 37 anos, mãe de três filhos de oito, dez e treze anos. Encontrava-se casada no início da terapia, com relatos de ansiedade e descontentamento com o local em que estava morando. Sua casa era de madeira e por isso ela sentia o local mais frio. O local tinha proximidade com a serra, o que favorecia temperaturas mais baixas. A distância que se encontrava de amigos e familiares fazia com ela se sentisse muito sozinha, pois se considerava muito longe de todos.

Naquela época, o marido trabalhava em uma empresa próxima de sua casa e ainda executava o serviço de adestrar cães, uma atividade extra que ela

não gostava que ele realizasse, mas que representava um ganho que auxiliava nas despesas da família.

Com o passar do início da pandemia, o relacionamento do casal já apresentava dificuldades, com muitas cobranças e queixas. Com o passar dos dias de isolamento, o sentimento de insegurança aumentou, e seu marido foi demitido da empresa em que trabalhava. Após esta demissão, aumentaram as angústias, as preocupações, as cobranças dela sobre o marido de como ele iria prover sua renda familiar. A proprietária do imóvel onde Aline, o marido e os filhos moravam, com receio de que não tivessem condições de pagar o aluguel, solicitou que eles desocupassem o imóvel. Passados os primeiros quinze dias, tiveram de voltar para Criciúma, pois seus parentes moravam na cidade e lá poderiam ter mais condições de arrumar um trabalho e poder deixar os filhos com os familiares, caso precisassem.

Então, Aline e sua família organizaram seus pertences para mudanças. Conseguiram um local para morar próximo da sua sogra. Esta casa tinha dois quartos, sala, cozinha, banheiro e área de serviço. No quarto das crianças precisavam ser colocados beliches para acomodar as três crianças neste espaço. Como a casa era menor, tiveram que se desfazer de algumas coisas, pois não cabiam no local. Ela afirmava: “tive de me desfazer de minhas coisas que eu gostava por causa do espaço muito pequeno”.

Após se instalarem no novo lugar, Aline e a família passaram a receber a visita de cunhadas e da sogra com maior frequência, e com isso as dificuldades no relacionamento aumentaram. A nova organização de espaço, com a falta de suas coisas, a deixava insatisfeita, e neste cenário os familiares davam opiniões sobre o casamento em crise. Desta forma, começaram a acontecer comportamentos agressivos entre o casal, que com o passar do tempo se intensificaram. A dificuldade com a parte financeira ficou constante, e as brigas aconteciam quase diariamente.

Este retorno para Criciúma não foi bom para Aline, pois as crises do casal só aumentaram a dificuldade de trabalho e a insegurança com relação ao casamento só se intensificaram, e a família passou por muitas dificuldades, inclusive para prover a alimentação. Seu marido conseguiu um trabalho novo e ela se viu obrigada a buscar algo também. Como não tinha muita experiência, acabou sendo dispensada de três trabalhos, pois não aceitava as cobranças que lhe eram

feitas ao não concluir a atividade proposta ou não desenvolvê-la conforme o esperado pelo empregador.

Com o passar dos dias, Aline acabou se distanciando de seu marido, e ele acabou ficando mais tempo na casa dos pais dele. O casal pouco conversava. Então, ela veio a descobrir que seu marido estava em um relacionamento com outra pessoa, e suas pretensões eram de sair de casa definitivamente. As brigas entre o casal geralmente eram devido à organização da casa e os conflitos constantes entre os filhos. Ao perceber que estava desconsiderando as queixas dele, e que cada dia ele se afastava dela, Aline começou a cuidar mais de sua casa, fazer limpeza doméstica e também a cuidar de sua alimentação para emagrecer. Também passou a ler os filhos regularmente à pracinha próxima à casa onde moravam.

Apesar dos esforços de Aline, logo houve a separação. Mas seu então ex-marido continuou a dormir na casa dela alguns dias da semana, e como as idas e vindas dele eram frequentes, ela ficava muito confusa se ele desejava estar com ela e os filhos ou não. Aline deixou de cobrar a permanência do ex-marido em casa e aceitou manter um relacionamento com ele, mesmo ele estando com uma outra pessoa. Atualmente, ela mantém relacionamento com o ex-marido. Aline afirma que não consegue ficar longe dele e que “a pandemia acabou com o meu relacionamento”. Após muitas mudanças em relação a sua casa, como a remoção de móveis quebrados e a manutenção da higiene no local, ela comenta que precisa ter um imóvel próprio. No entanto, isto está muito distante de acontecer, pois ela ganha e recebe uma baixa quantia do ex-marido para prover as necessidades dos filhos. Para a divisão dos bens, o ex-casal teve que vender o carro que possuíam.

No relato de Aline, observa-se a dificuldade de estar em um ambiente movido pelas constantes mudanças. A cada mudança, muitos móveis acabam sendo destruídos, e visualmente o ambiente se torna desagradável. Como passava muito tempo em casa, não tinha laços de amizade, e isso dificultava o enraizamento no novo local. Também se observou o desenraizamento com o local antigo de referência. Evidenciou-se, ainda, uma constante necessidade de conversar, falar de suas dificuldades diárias entre amigas próximas e familiares, uma rede de apoio totalmente necessária.

Gonçalves (2017) e Souza (1995) afirmam que o indivíduo irá se apropriar do espaço conforme as vivências experimentadas no mesmo, levando em

conta modelos sociais, culturais, e sua forma de viver neste local, que está relacionada a suas atividades diárias. Damatta (1997) descreve que a casa e a rua são locais distintos, e que existe uma diferença de estar no local e apropriar-se do mesmo. A casa mantém-se como um local de segurança, onde o grupo sente-se seguro, e a rua refere-se à distinção de individualidade, onde se pode estar em perigo frente a um espaço desconhecido. O autor reconhece a casa como um local que protege que acolhe e a rua um local que pode inspirar ameaça.

Para esta família, sua casa é vista como um local de proteção, mas no momento que surgem as dificuldades financeiras, surgidas após a demissão do marido, como também as dificuldades de sua inserção no mercado de trabalho, a casa.

A casa para a família tinha um significado de proteção, mas quando surgiram às dificuldades financeiras movidas pela demissão do marido, e dificuldade para se inserir novamente no mercado de trabalho, este espaço se tornou não mais confortável e acolhedor.

Neste relato, as preocupações sempre voltadas para acontecimentos fora desta casa, e nos momentos aos quais se encontravam na casa, eram momentos de brigas, onde o espaço coletivo supera a individualidade de cada um dificultando a convivência, favorecendo o conflito e não a harmonia, impedindo momentos de encontro para fortalecer a união e enfrentar as dificuldades encontradas fora desta casa. Um espaço habitado se constitui a partir de valores, criações de afeto com o local, enfim o que se pode vivenciar num determinado local e percebido pelos seus integrantes. Gonçalves (2012) conclui que um espaço se constitui a partir de complexidades existentes no mesmo, sendo afetivas ou valores, as prioridades destacadas e o sentido vivenciado pelo indivíduo neste local.

Ana

Ana, 35 anos, solteira, teve dois filhos. Seus familiares não aprovam esta situação de ela ter dois filhos sem estar em um relacionamento, e viver sozinha novamente. Morava em Tubarão com o pai do segundo filho, e no momento da pandemia houve separação. Com isso, ela teve de voltar a morar com os pais, pois não tinha onde morar e ninguém que cuidasse de seus filhos

para ela poder trabalhar. Conflitos com o irmão mais velho que mora no mesmo pátio, numa casa ao fundo do terreno. O principal motivo dos atritos era o fato de sua família não tolerar o fato de ela ser mãe solo, e após ter outro relacionamento estar solteira novamente. Ana sente-se constrangida e sem espaço para receber amigos ou sair, pois se está em casa e tem os filhos para cuidar. Ela diz: "não me sinto bem na casa de meus pais", pois se sente em um espaço apertado, sem espaço para sua individualidade.

Neste relato, observa-se o sentimento de espaço apertado, pois, nas palavras de Ana, sente falta de individualidade, não se sente confortável na casa, que ela não considera como sendo dela também. Assim, a casa dos pais não é vista como um abrigo, mas sim como uma casa que reprime, julga, "aperta" sua individualidade. Isso fica evidente quando ela afirma que a casa é a "casa de meus pais", existindo um distanciamento entre ela, a casa, e sua família pelas cobranças e dificuldades constantes, principalmente no relacionamento com o irmão. Ela também se frustra pela falta de ter um lugar somente para ela e seus filhos.

Torkenli e Tuan (2009), afirmam que o expressar sentir-se em casa é necessário para acontecer o enraizamento num determinado local, fazendo com este tempo seja determinado pela permanência por muito tempo no mesmo.

Existe um desconforto ao relatar que após ter saído ou desenraizado do local por duas vezes, a mesma teve de retornar para o mesmo local onde percebe que os laços efetivos se encontram enfraquecidos, pois ela se vê sendo cobrada pelas suas atitudes de sair e retornar novamente.

Ao mesmo tempo, ela não sente a casa como sua, e com isso não ajuda a cuidar, buscando ficar somente em seu quarto, e ficando isolada dos demais integrantes e atividades domésticas.

É necessário sentir-se parte do espaço para que aconteça a apropriação. Na afirmativa de Gonçalves (2014), há uma função simbólica encontrada no convívio de familiares na casa quando existe um cuidar da mesma, o que leva ao que chamamos de *cultivação*, um dos conceitos da Psicologia Ambiental. Destaca que a *cultivação* acontece quando existe o sentimento de pertencer a um local, e este possui marcas de um processo de *personificação*. Então, o sentimento de pertencimento só irá acontecer somente quando existir uma *alternância de apropriar-se, personificar e cultivar*. Observa-se, nos relatos de Ana, que ela não desenvolveu estes sentimentos.

Fabiana

Fabiana, 32 anos, solteira, demonstrou dificuldades com relação ao luto em decorrência da morte da tia. A casa da tia era um local de encontro de familiares, almoços de finais de semana, comemoração de aniversários e datas especiais, como Natal, Ano Novo, Páscoa e Dia das Mães. Sua infância aconteceu sempre neste local, próximo a praia, facilitando os banhos de mar e as brincadeiras com os primos. Ela afirmou: “crescemos todos juntos naquela casa”. Após o falecimento desta tia, a família se ausentou do local, os herdeiros resolveram vender o imóvel, e estes encontros de família já não foram mais realizados.

Logo após este acontecimento, Fabiana mudou-se de estado devido à exigência de seu trabalho. Passou a sentir-se sozinha. Quanto ao novo local de trabalho, havia muita coisa para aprender e organizar. Isso, o que acabou corroborando com suas dificuldades. A casa onde vivia era um imóvel antigo, com algumas peças de móveis que lembravam muito a casa da tia que faleceu. Sentia-se muito angustiada, o estar só, longe da mãe e irmãos, foi uma experiência dolorosa para ela. O contato por telefone era diário com sua mãe, e com isso procurava saber notícias do que estava acontecendo na sua família.

As amizades eram somente no trabalho, não se sentia à vontade para se aproximar de pessoas durante o período de isolamento social. A falta de convívio com irmãos, mãe e familiares e as dificuldades de adaptação na nova moradia se intensificaram com o passar do tempo. E ainda sofreu o fim de um relacionamento virtual de cerca de dois anos, no qual ela não conhecia o namorado, e veio a descobrir que foi enganada por uma amiga que se passava pelo mesmo, justificando que tinha o intuito de ajudá-la.

No relato de Fabiana, a casa da tia sempre foi local para encontro dos familiares. No momento que este familiar morre, os laços afetivos se distanciam, pois não existiu mais o encontro durante os finais de semana e as festas de família. A casa da tia era este referencial para todos. Após a morte dela, os filhos vendem a casa e daí ocorre duas perdas: a familiar e o local de memórias e convívio.

Na convivência com familiares e grupos sociais, o indivíduo vai constituindo sua identidade e, conforme Valadares, conviver é considerado um início de habitar onde o sujeito se encontra inserido. Com suas limitações e delimitações, nos espaços de convívio vão sendo construídas características

próprias deste local (VALADARES, 2000). Freud corrobora com este entendimento com a afirmação de que “não existe sujeito sem espaços de convívio, de construção, de memórias, sítios de recordações, não existem grupos sem sujeitos, sempre não-assujeitados, que se lançam a partir do desconhecido, do inconsciente, o escondido, mesmo do próprio sentimento do si mesmo” (SIGMUND FREUD, 1916).

As mudanças de trabalho, sendo direcionada para outro estado, contribuíram para intensificar o distanciamento dos laços familiares. Na nova casa, que só tem seus objetos pessoais, Fabiana ainda não construiu um processo de identificação com este espaço. O fato de esta casa apresentar um mobiliário parecido com as coisas que existiam na casa de sua tia trouxe muita saudade dos encontros de família. Sua rede de apoio familiar foi uma queixa recorrente, que intensifica a angústia causada pela pandemia.

No relato da entrevistada, evidencia-se que a mobília antiga da casa lembra o mobiliário da casa de sua tia que faleceu, onde tem a memória de sua infância vivida, que nos remete à obra de Nogueira (1997), “A casa e os devaneios de pertencimento”, na qual o autor expressa sua identidade construída a partir de vivências na casa da tia. Após o falecimento desta, o mesmo vai até o local e, mesmo tendo passado tantos anos, tudo continua intacto. Dá-se conta que os primos como também ele já não é mais as mesmas pessoas, pois a distância daquela casa provocou uma crise de pertencimento, que se refere ao nascimento de identidade através desta crise, onde existe uma busca de uma reintegração individual (NOGUEIRA, 1997, p. 83).

As dificuldades da reintegração podem ser encontradas no espaço devido a mudanças para outro estado, longe da família e amigos. Colabora Leitão (2009) que onde encontros, lembranças e vivências trazem importância ao local, que se torna referência de memória e convívio. A falta deste espaço pode desestabilizar o estado emocional.

Antônio

Antônio, 35 anos, é enfermeiro, e trabalhou nos postos de atendimento do COVID-19 e no hospital.

Nos primeiros dias de pandemia, apresentava insônia e queixas de angústia e desespero. Estes sentimentos aumentaram em sua rotina de trabalho, ao saber que, a cada dia, um colega estava doente, ou já havia ido a óbito. Também relatou conflitos e divergências no ambiente de trabalho por perceber que os colegas apresentavam uma despreocupação com os acontecimentos. Para ele, o momento exigia cuidados. Salientou que o dia mais desesperador foi quando um corpo foi enviado ao necrotério e a família se enganou na identificação, mobilizada pelo nervoso e desespero. Este incidente resultou na demissão de três profissionais de saúde. Sobre isso, Antônio comentou: “quem estava em condições emocionais naquele momento para não cometer um erro?”

Antônio afirma que, em 2009, havia trabalhado durante a infecção do H1N1, e hoje percebeu que lá foi o início do que resultaria numa pandemia, e como esta experiência acabou contribuindo para saber lidar com as questões atuais.

Atualmente, ele trabalha em um local que promove uma estabilidade, mas oferece um salário baixo, e em outro onde tem um ganho financeiro maior, mas existe um conflito de hierarquia e saberes, no qual ele avalia que o profissional coloca em risco o paciente, devido aos descasos e incoerência nos atendimentos.

No início da pandemia, Antônio era casado. Após alguns desentendimentos, separou-se e foi morar numa pensão, onde não havia nem máquina para lavar roupas, sendo necessário lavar a mão seu uniforme. Era uma época movida por angústia, sentimento de desvalor, insônia.

Após o desconforto em estar num quarto de pensão apertado, resolveu iniciar um projeto deixado de lado, o de comprar um imóvel na planta. E com o passar do tempo isso virou realidade, o que acabou contribuindo para maiores dificuldades financeiras, sendo necessário trabalhar em três locais e trocar plantões para atingir seu objetivo.

Ao conseguir mudar-se para onde é sua casa hoje, sente-se cauteloso com os gastos, preocupado em conseguir proporcionar o mínimo de conforto para si mesmo neste local. Sua cama foi doada por uma colega, e foi necessário encontrar dias de folga de plantão entre ambos para poder retirar a mesma.

Cada objeto colocado neste ambiente, como o sofá inflável, representa uma enorme satisfação. Antônio fala que o medo persiste ainda, mas hoje é com referência à como mobiliar este espaço, o que colocar, onde colocar e as condições para isso. Estar em seu local lhe traz preocupações de como ter

condições financeiras para colocar tudo de que precisa. Sua angústia surge ao constatar que precisa estar em um trabalho onde tem uma estabilidade, mas paga pouco, e revezar com outro que oferece um valor financeiro bem maior, mas que caracteriza como, em suas palavras, um “local infernal”.

Atualmente, após todas as dificuldades descritas por ele, considera seu apartamento como: “o seu melhor local, seu aconchego e sua segurança, sua paz, seu melhor lugar que seu esforço lhe proporcionou.”

O relato de Antônio apresentava, primeiramente, dificuldades no casamento, e divergências que começaram a acontecer com maior intensidade no convívio. Ele trabalhava o dia fora de casa, e seu companheiro tinha horários mais flexíveis. Por trabalhar em hospitais, Antônio possuía uma organização e cuidados de higienização que eram considerados exagerados por seu companheiro. Desta forma, os conflitos eram constantes. Morava em um apartamento alugado bem localizado, com boa ventilação, em área privilegiada (mais centralizada) e, conseqüentemente, mais cara para habitar. Sentiu dificuldade maior quando, ao terminar seu casamento, teve de ir morar numa pensão, onde as condições eram bem diferentes de sua realidade anterior.

Conforme Valadares (2000, p. 51),

O que organiza o espaço, visando a uma viabilidade do convívio, é uma busca contínua da doma da natureza. Domínio, principalmente, daquela natureza que produz, quando em contato com a cultura, inquietação no interior dos corpos dos sujeitos. Somos condenados a essa busca, desde que nos abandonamos e somos abandonados, somos deixados a sós, lançados fora do mundo instintivo, da pachorra animal.

O entrevistado relata que, faltando até mesmo uma máquina de lavar para suas roupas de trabalho e outras dificuldades, prefere estar separado. Logo que passou o primeiro impacto de estar em um espaço com poucas condições em comparação a sua antiga moradia, sentiu que havia possibilidade de realizar um sonho antigo, que era o de ter seu imóvel, e então ele começou a se organizar em seus horários para poder conseguir ter uma renda maior. Começou a trabalhar em dois locais, e com isso criou uma oportunidade para realizar seu sonho. Sua dupla jornada de plantão era cansativa, pois não tirava folgas, fazia o que estava ao seu alcance.

Com o deslocamento de um local para o outro, verifica-se o desenraizamento, causando desconfortos, queixas e dificuldades com a nova realidade. Segundo Massola e Svartman (2018, p 300),

A percepção de que o desenraizamento se aprofunda contemporaneamente deve-se em parte, mas não só, à intensa mobilidade que caracteriza as populações contemporâneas e impede que uma relação mais estável com o socioambiente se estabeleça, produzindo em indivíduos e grupos a percepção de perda de controle sobre o socioambiente.

Após alguns meses, Antônio conseguiu comprar um imóvel na planta e, continuou morando na pensão, e após um determinado tempo, em média de um ano, conseguiu ir para este local.

Atualmente o apartamento conta com uma cama, sofá inflável, uma pia, um fogão e uma geladeira. A cama foi doada por uma colega e Antônio teve dificuldades de trazê-la para casa, pois os plantões do trabalho restringiam seus momentos de folga de sua colega, visto que o mesmo continuava na dupla jornada. Ele contou com satisfação sobre a compra do sofá inflável, que está na sala, demonstrou preocupação em ter condições financeiras para mobiliar sua casa. Mas sua satisfação de estar “em seu canto” é por ele expressada como “a melhor coisa que poderia fazer”. Atualmente, Antônio está se reapropriando de seu local de residência.

O enraizar pode se referir à forma pela qual “casa como centro enraizador da subjetividade”, descrito por Gonçalves (2014) em seu texto “Habitar a casa como contingência da condição humana”. Este enraizamento é observado pelos objetos pessoais de referências que são colocados no ambiente, pelo tempo de permanência. Massola e Svartaman (2000) enfatizam que o enraizamento acontece quando o sujeito possui um sentimento de pertencer a algum lugar.

Lucas

Lucas, 25 anos, é estudante de Engenharia, e sócio de uma empresa de construção civil. No início da pandemia, morava com familiares. Com as restrições que a pandemia exigiu, a família mudou-se para o interior, e ele acabou ficando sozinho. Relatou que foram momentos difíceis, nos quais a ansiedade e angústia

se faziam presente. O consumo de cigarros aumentou; a ingestão de bebida alcoólica, também. Mas o estar em casa, para ele, sempre foi muito difícil. Entende a casa como um local para dormir. Sua vida acontece fora dela, com eventos, trabalho, vida social, faculdade. Nunca teve o hábito de ficar muito tempo em casa. A casa, para ele, era apenas um local de descanso e saída.

Nas palavras de Lucas, “Foi difícil me sentir parte do espaço porque eu nunca fui de ficar em casa, a casa para mim é apenas um ponto de chegada, para comer, dormir e voltar pra rua. Para Lucas, a casa apresenta somente um aspecto funcional: “Eu a vejo como um espaço acolhedor, mas apenas para chegar e dormir, não para ficar em isolamento dias, meses nela”.

Seu convívio com familiares era rápido em ocasiões que exigiam sua presença. Ao ser perguntado se foi difícil ficar em isolamento, ele se posiciona assim: “Sim, a reclusão é forçar a gente a conviver apenas com a gente mesmo, ser sua própria companhia foi bem complicado, ainda mais para quem é acostumado a viver com outras pessoas”. Ele afirma que está “continuando a ver a casa como espaço de reclusão, continuando a gostar de estar fora dela. Com a pandemia, isto se intensificou. Passei a associar bem mais a casa com reclusão da sociedade”. Lá ele “tinha de ficar com ele mesmo”.

No relato de Lucas, a casa possui um significado funcional, um local que abriga suas coisas. Sua atividade diária é totalmente realizada fora da casa, que é utilizada como local para chegar e dormir. O convívio social fora de casa é o destaque para o entrevistado. Lucas era morador de outra cidade vizinha, veio para Criciúma por causa do curso de engenharia da faculdade, como o mesmo não possui imóvel próprio veio a morar na casa de sua avó. Ele não tinha o costume de visitá-la com frequência, e com a pandemia, a avó foi para a casa do interior e ele passou a morar no apartamento dela. Destacam Arcaro e Gonçalves (2007) que é necessário existir uma identidade com o local, onde venha a existir uma necessidade de manter um sentimento com o mesmo. Assim, o local passa a adquirir características que englobam o grupo social ao qual se encontra, trazendo suas referências culturais e físicas, contribuindo para o processo de identificação.

Desta forma, é necessário que este morador construa uma reapropriação deste espaço, isto irá acontecer no momento que o mesmo tenha objetos que favoreçam que o mesmo se reconheça naquele espaço, marcando e sendo marcado.

4.1.1 Reflexões finais: o sentir-se exilado no espaço da casa

Dentre os participantes da escuta qualificada, percebeu-se uma homogeneidade nas dificuldades de estar vivendo no isolamento. Dentre as mais pertinentes foram o desenraizamento e as separações, sejam por dissolução de convivência, mudança de domicílio ou morte de amigos e familiares.

Os relatos sobre desenraizamentos nos levam à reflexão dos autores Torkenli e Tuan (2009), que afirmam que o expressar sentir-se em casa é necessário para acontecer o enraizamento num determinado local, fazendo com este tempo sejam determinados pela longa permanência.

No momento da pandemia, surgiram dificuldades ocasionadas por conflitos de relacionamento, separações, crise financeira, que foram acompanhadas por dificuldades de estar somente no espaço da casa ou, como numa das narrativas apresentadas, de retornar para a casa dos pais após separação, trazendo seus filhos juntos. Na pandemia, a casa constituiu um espaço de exílio, que foi percebido como sofrimento, angústia, sentimento de limitação de contato entre familiares e amigos

Também foi percebida uma constante dificuldade dos indivíduos em adaptar-se aos espaços menores. O isolamento desencadeou um confronto com a casa que não era percebido anteriormente, pois pouco tempo se habitava nela, e não se percebia algum tipo de problema com o espaço menor ou se a mobília dificultava de alguma forma. Pois o estar em casa era por muito pouco tempo, sendo o tempo mais direcionado para as atividades fora deste espaço, tais como momentos com amigos em festas, bares, atividades de academia, trabalho, faculdade. Assim, a casa era tida apenas como espaço funcional, como um local para descansar e dormir. Todas as atividades recreativas eram executadas fora deste ambiente.

A casa, portanto, não representou um lugar de abrigo e proteção para estes sujeitos da pesquisa, como anuncia Bachelard (1988) e Valadares (2000), ao associar este espaço como lugar essencial, pois os mesmos estavam vivendo dificuldades sob vários aspectos.

E a ausência do convívio faz com que os sentimentos de desconforto sejam internalizados. Podemos nos remeter a Freud, que afirma que

não existe sujeito sem espaços de convívio, de construção, de memórias, sítios de recordações, não existem grupos sem sujeitos, sempre não-assujeitados, que se lançam a partir do desconhecido, do inconsciente, o escondido, mesmo do próprio sentimento do si mesmo (SIGMUND FREUD, 1916).

Além disso, a mudança de casa e dificuldades com o espaço foram evidenciadas em todos os casos, características de desenraizamento e tentativas de enraizar, que se refletem em dificuldades de sentir uma identidade de lugar, ou seja, de se sentir parte deste espaço. Podemos destacar Leitão (2007), quando trata de identidade de lugar, processo no qual o indivíduo pode pertencer a um lugar independente dele existir ou não, pois através da memória possível estar novamente neste local. A forma que acontece a identificação corrobora a compreensão de Poll (1996) de que a identificação acontece na forma de organizar o espaço, tornando a cultura visível através de objetos que venham a remeter para épocas de importância para o indivíduo.

Pode-se afirmar que a casa era ocupada antes da pandemia, mas não de fato apropriada. Este local teve que ser habitado durante o isolamento social, e mostrou-se estranho, contribuindo para as crises anteriormente narradas. E conforme Santos (1991), o espaço ao qual se habita se transforma pela ação humana ao construir locais que tenham uma identificação.

Podemos compreender que, para haver uma apropriação, a identidade de lugar e a identificação são necessárias interagir.

4.2 EXPERIÊNCIAS DE REESTRUTURAÇÃO DO ESPAÇO DA CASA VIVENCIADAS POR PROFISSIONAIS DA SAÚDE NA PANDEMIA

Os profissionais de saúde participantes da pesquisa se distribuíram por 10 bairros do município de Criciúma. Com relação ao local de moradia, existe uma localização mais centralizada dos entrevistados, como nos bairros Centrais, Mina do Mato, Comerciário, habitados majoritariamente por camadas médias e altas. O tempo de trabalho variou de 06 meses a 45 anos. Percebe-se, então, que o coletivo da pesquisa contém profissionais experientes e profissionais novos. Trata-se de sujeitos com maior poder aquisitivo, e que possuem empregos estáveis, atuando como profissionais da área de saúde e também como professores universitários.

O número de pessoas que residiam na casa dos sujeitos da pesquisa variou de uma a seis pessoas, e, em alguns casos, modificou-se durante o período de isolamento.

No caso de Natália, por exemplo, foi percebido certo desconforto na casa quando esta passou a abrigar seis moradores devido ao isolamento, pois os filhos voltaram a morar na casa dos pais com seus respectivos companheiros. Ela conclui que, com o passar dos dias e a rotina, o *stress* começou a se manifestar, pois já eram seis pessoas convivendo, cada uma com suas atividades. Isso exigiu alterações no ritmo da rotina doméstica, como idas ao mercado e compras mais regulares e ter de cozinhar para maior número de pessoas.

Percebeu-se que o **número de pessoas** na residência influencia nas relações e na atmosfera da convivência familiar na casa durante a pandemia. No relato de Natália, ao ter seus filhos “de volta”, como ela afirma, traz o sentimento de casa cheia, que contrasta com o período de fim do isolamento, quando os filhos e seus respectivos cônjuges voltam aos seus locais de moradia, e a casa se torna vazia. A rotina, então, se restabelece, levando o casal a lidar consigo mesmo e sua realidade atual.

A rotina dos sujeitos da pesquisa, antes do isolamento, era direcionada para fora do espaço da casa. Com a pandemia, a maioria das atividades passou a ser realizada no espaço doméstico. Os participantes da pesquisa relataram que, no período pré-pandemia, a sua rotina do trabalho estava dividido entre o trabalho na universidade e em consultórios, além de atividades físicas, passeios, encontro de família, idas ao *Shopping Center*, parques, restaurantes, academia e serviços de casa. Alguns informaram que passavam o dia inteiro fora e só retornavam para almoçar ao final das atividades. Aos fins de semana, costumavam sair com a família. Outros relataram que tinham atividades intensas durante todo o dia e voltavam para casa depois das 20 horas.

Angela, por exemplo, relata que suas “atividades eram fora de casa, e nos finais de semana recorria à casa da praia, pois oferecia mais espaço para receber amigos e familiares”. Segundo ela, a casa da praia oferece um local amplo favorecendo a descontração, pois as pessoas ficam mais à vontade, sem horários para acordar e fazer as refeições, proporcionando maior flexibilidade, além de ar puro, local para caminhada e banhos de mar.

Assunção e Conceição (2018) afirmam que “a segunda residência possui “repercussões sócios espaciais” e constitui “símbolo de status social, característica de camadas sociais alta e, majoritariamente, média” (ASSIS, 2003, p. 112). Barbosa e Costa (2012, p. 483) apontam que, “com a grande devastação da natureza na atual fase do capitalismo, elementos que outrora eram abundantes hoje se tornam cada vez mais raros, sobretudo no meio urbano, tais como a água potável, o ar puro e o verde”. Nesse sentido, há um “retorno à natureza”, que é reflexo da vida urbana atual, o que torna os municípios litorâneos atraentes por serem considerados espaços de lazer e tranquilidade, paralelo a uma apropriação da natureza pelo mercado imobiliário.

Esta necessidade de contato com elementos naturais durante a quarentena foi evidenciada na pesquisa realizada por Felipe *et al.* (2021) entre abril e maio de 2020. De acordo com os autores, a falta de acesso a elementos como plantas e luz natural foi uma das deficiências de suas moradias citadas pelos participantes da pesquisa. Deste modo, propõe refletir sobre o papel destes na promoção da satisfação e bem-estar.

Estudos de Psicologia Ambiental sobre os ambientes naturais, principalmente por meio das teorias de recuperação de estresse e teoria recuperação de atenção, afirmam que biologicamente se pode reagir de forma rápida e imediata frente às condições de desenvolvimento. Os cenários naturais podem favorecer, ao longo da vida dos seres humanos, a manutenção das atividades de descanso, sono e alimentação (FELLIPE, 2010).

Alice narrou que, ao iniciar a pandemia, as atividades do lar ficaram aos seus cuidados, então ela percebeu a importância de sua “secretária do lar”, pois teve dificuldade para executar as atividades domésticas juntamente com as atividades do trabalho. Ela optou por dispensar sua funcionária que realizava as atividades domésticas, para tirar férias, ficando com a tarefa de atender as atividades domésticas e do trabalho. Ela precisou fazer algumas mudanças na casa, e organizar as atividades domésticas de uma forma que a mesma consiga realizá-las. O espaço de sua casa foi dividido entre moradia e trabalho, pois as atividades como professora necessitavam de um local organizado para atender sua rotina laboral, pois ela pertence ao grupo de risco e teve de manter-se no isolamento por mais tempo.

A casa de Maria veio a **acolher** os quatro moradores com suas respectivas necessidades, cada um ocupou um espaço para desenvolver atividades relacionadas com o trabalho, pois o casal além de serem profissionais de saúde são professores universitários, e seus filhos estudantes universitários. Um novo formato da casa, além de ser abrigo, foi constituído, como uma extensão do trabalho, onde a intimidade da casa se torna exposta ao coletivo.

Perguntados em que momentos a casa significou **abrigo/proteção**, alguns responderam que sempre, outros sentiram a casa como abrigo e proteção no início da pandemia, em março de 2020.

Para alguns participantes da pesquisa, todos os lugares da casa significaram lugar de refúgio, privacidade e convívio familiar. Alberto contou que, ao sair para trabalhar, sentia uma preocupação constante, pois precisava ter cuidados redobrados para executar seus trabalhos como dentista se não contaminar sua família ao voltar para casa. Alberto se sentia muito preocupado se os cuidados realizados eram suficientes para proteger sua família. Já outros sujeitos da pesquisa referiram-se à alegria de quando chegavam em casa e experimentavam a sensação de prazer, exprimindo que “é o melhor momento do dia.”

O termo proteção também aparece nas respostas como valorização da vida familiar, articulada ao sentimento de “estar em casa”. Por vezes, esta noção está aliada à concepção de segurança, inclusive financeira, como é perceptível na experiência narrada por Alice, que contou que é a primeira pessoa de sua família a ter a casa própria e reiterou que a casa é seu refúgio. Ao ressaltar ter um imóvel próprio, ela reflete certo *status* frente aos demais familiares, pois no momento que um indivíduo realiza um sonho pode vir a despertar desejos e aspirações nos demais. Nas palavras de Alice, “*em primeiro lugar sou a primeira da minha família a ter uma casa própria, minha casa está localizada num lugar tranquilo, arborizado. Gosto porque é meu refúgio, tenho animais de estimação (cachorro, gato), meus livros, minha família.*” Podemos perceber a importância para o indivíduo possuir seu local de referência. O fato de a entrevistada ser a primeira pessoa a adquirir casa constitui um diferencial frente aos seus familiares.

Segundo Belk (1988) a posse de um produto pode representar e reforçar a identidade do indivíduo. Quando o indivíduo da classe social média conseguir realizar o sonho de uma casa própria, emerge satisfação, sentimentos de uma

importância frente ao grupo social ao qual se encontra, o local cria significado para o proprietário.

Já no relato de Maria, o espaço da casa se intensificou como espaço de **abrigo e proteção** frente a uma incerteza que se instalou com a pandemia. Ela declarou que *“na verdade, a casa sempre teve o significado de abrigo e proteção. Depois da pandemia, agora mesmo, quando eu passo muito tempo fora de casa, tenho a sensação que tenho de retornar... algum momento tenho de retornar. Neste sentido, começa a rotina. A gente tem a facilidade de se adaptar às situações. No início, é diferente, e [a gente] percebe [a situação] mais hostil. Depois se adapta e fica uma rotina, e agora estamos numa nova adaptação”*. Em sua afirmação, a entrevistada considera que a casa sempre teve significado e sentimento de abrigo e proteção ao estar na casa durante a pandemia, e o que existe de diferente foi uma adaptação com o fato de não poder sair, ou ter saídas limitadas frente ao confinamento, e que atualmente ela sente um desejo de voltar logo pra casa, já não fica tanto tempo fora, somente o necessário.

Percebemos então que **proteção e refúgio** foram à tônica das respostas, dos sentimentos, que os participantes da pesquisa experimentaram durante a pandemia. Forçosamente nos remetemos a Valadares (2000, p.84 *apud* Lorenzo Mammi in Argan, 1999) ao enfatizar este papel que a casa exerce sobre nós, seres humanos: “Parece que nela está o valor universal do tempo e do espaço como coordenada humana”. Rabinovich (1997), baseando-se em Bachelard (1978), conclui que “todo espaço verdadeiramente habitado leva a essência da noção de “casa”. Antes de ser ‘atirado no mundo’(...) o homem é colocado no berço da casa. E, sempre, em nossos devaneios, a casa é um grande berço” (p. 200).

“E a casa desceu sobre mim como se fosse uma mãe” (BACHELARD, 1988). Essa expressão de Bachelard relata a sensação de um homem que acabara de ser salvo de uma tempestade abraçando-se à coluna de sua casa que tremia enquanto era golpeada por fortes rajadas de vento. Valadares (2000) nos remete a simbologia da casa como se fosse o útero materno, trazendo novamente à tona toda a questão da proteção. Nessa perspectiva, Bachelard (1988) traz a “maternidade” da casa, o que foi percebido pelas respostas obtidas na pesquisa.

O texto de Gonçalves (2014) corrobora com esta perspectiva, tratando das emoções, sentimentos, lembranças e percepções, imaginação e memória, que se dão no âmbito da casa. Essa interação que Bachelard (1988) vai remeter a

gênese de nossa subjetividade ao trazer a **cabana como lugar primordial**. A casa então seria nosso centro enraizador, nosso lugar de memória de convívio, no dizer de Valadares (2000). Ao se referir a casa como **refúgio**, os entrevistados estão respaldando esses conceitos desses autores que pensam e escrevem sobre a casa.

Os **sentimentos** experimentados pelos sujeitos da pesquisa durante a pandemia foram: tranquilidade; ansiedade; conforto; desconforto; insegurança; aconchego. Estas respostas apresentam uma dualidade de sentimentos, que pode ser exemplificada pelo relato de Alberto. Suas palavras revelam tanto a sensação de conforto quanto ansiedade. *“Ao mesmo tempo que tinha receio e preocupação em sair de casa para as atividades mais básicas, acompanhava as notícias, reais ou fake, e sempre ficava aquela sensação de estar errando em algum momento e colocando minha família em risco. A minha família, o meu porto seguro, o meu lar, era em casa a minha fortaleza, onde eu tinha energia, acesso à Internet, espaço, um pátio para pegar um sol com as crianças e desviar a atenção da pandemia, foi o meu refúgio”*.

Aqueles que experimentaram sentimentos de tranquilidade, conforto e aconchego remetem ao conceito de casa como centro enraizador da subjetividade, descrito por Gonçalves (2014). A casa pode abrigar sonhos, memórias, objetos que lembrem sua história familiar, sua cultura, variando de indivíduo para indivíduo e constituindo seus modelos e normas para garantir o espaço.

A relação da casa com a família pode ser verificada na fala de Maria, quando coloca que a cozinha é o seu local preferido, pois é o local de convívio. Ela traz que este espaço assumiu um significado ainda maior durante a pandemia: *“A casa teve um significado muito importante pra mim, durante os anos de pandemia e ainda tem. Como eu digo, a casa dos pais é o local de encontro, o local que você tem sempre onde pra voltar. Então não interessa se você saiu [há] um ano, dez anos ou vinte anos. O dia que você retorna pra essa casa é como se nunca tivesse saído”*.

Maria compreende a casa como construção de memórias e espaço de convívio, uma casa que acolhe as diferenças sem excluir a individualidade. Vindo de encontro Saramago (2009), “fisicamente, habitamos um espaço, mas, sentimentalmente, somos habitados por uma memória” e como Brandão (1999) coloca, o recordar é uma forma de ressignificar momentos que tiveram sentimentos

vivididos, seja no presente, no passado e num futuro idealizado, construindo a ideia de estar num grupo e fazer parte deste e ao mesmo tempo construir sua história.

Aqui também podemos perceber a importância de considerar o ciclo da vida para refletir sobre a casa: uma hora somos filhos, e muito rápido já somos pais e logo avós. No relato de Natália, já apresentado anteriormente, foi percebido um **desconforto** aos filhos voltarem para casa em certos momentos, pois estavam com seus respectivos cônjuges, e a necessidade já se apresentava de outra forma, como mais pessoas para o almoço, mais compras ao mercado, “um certo estresse”, como se refere a entrevistada. Mas, por outro lado, as conversas durante o convívio no final de tarde. No entanto, ela coloca o sentimento de perceber sua **casa vazia**, após os filhos terem saído para morar em outros locais, e com o isolamento os mesmos retornaram e esta casa passou a ter a identificação de casa cheia. A entrevistada conclui que “[estar] *todos em casa teve o lado positivo, [...] a gente poder estar junto, pode estar muito próximo... nós passamos a ser seis, então dava um pouco de estresse. Por outro lado, era muito bom que todos os dias tivesse muita novidade, tem roda de conversa todos os dias*”. Nesta fala, Natália demonstra, assim como Alberto, sentimentos duais, a primeira pelo aumento de pessoas em casa e o segundo pelo receio e preocupação de sair de casa e, com isso, promover o contágio da doença.

No caso de Natália, no momento da entrevista, ela já experimentava outro sentimento, o de perceber sua “*casa como vazia*”, ao retornar à rotina pré-pandemia, e seus filhos estarem retornando para suas residências. Segundo ela, este sentimento traz angústia, e também “*uma satisfação de ter sido uma boa mãe e ter preparado ambos para a vida*”.

Durante o **ciclo da vida**, segundo Mourão (2008), os espaços físicos são alterados, possuindo uma referência de idade e ao mesmo tempo uma variação de prioridades e desejos. Verifica-se que na juventude um jovem vai montar seu espaço, obedecendo aos seus gostos por meio dos quais sua identidade será manifestada. Mas, ao passar dos anos, na velhice, as mesmas mudanças podem ser sentidas como uma perda de identidade e trazer momentos de tristeza, por não ter ou estar com objetos que revelem sua identidade que foi construída ao longo dos anos.

No caso de Natália, temos o ciclo de vida se apresentando na seguinte forma: uma mãe e esposa que tem filhos criados e distantes, mas no momento da

pandemia quando volta, sua casa fica cheia novamente, trazendo os bons momentos e as dificuldades do dia a dia, mas ao retornarem para suas casas ela percebe o ambiente vazio, remetendo a sua análise que foi uma boa mãe e fez o que era necessário para ter filhos com autonomia e com sonhos e projetos para seguirem em frente. Assim, ela ressignifica este sentimento, retomando sua própria trajetória.

Os sujeitos da pesquisa foram questionados se **gostam de sua casa**, e responderam de forma unânime que sim. Sobre os motivos pelos quais gostam de sua casa, obtiveram-se as respostas de se “sentir bem”, e considerarem o espaço como confortável, silencioso, espaçoso, arejado. Estas respostas nos levam a refletir sobre como se percebe a casa a extensão do indivíduo, na quais características como a ventilação e o tamanho são importantes.

Segundo Fellipe (2010, p 302), “a casa é, sobretudo uma projeção do próprio homem, um reflexo do seu ser. (.) o homem reproduz seus limites, suas fronteiras com o mundo. Revelam-se memórias, desejos, esperanças, medos, rituais, ritmos pessoais e hábitos cotidianos”. Conforme os autores Gonçalves (2007) e Proshansky, Fabian e Kaminoff (1983), a “importância que é dada aos **significados dados ao espaço** criador de sua auto identidade, salientam a importância do grupo social ao qual o indivíduo se encontra para que o mesmo crie sua identidade individual”.

Ainda ao serem perguntados por que gostam da casa, os sujeitos da pesquisa ressaltaram a característica de sentir o espaço como “acolhedor”, proporcionar “local de reflexão”, e “atender as necessidades”.

O espaço tem um significado acolhedor no momento que abriga o indivíduo ou as pessoas que moram naquele espaço, e estão protegidas dos perigos que se encontram fora dela. Remete, assim, às concepções de abrigo e refúgio, já destacados anteriormente por meio dos trabalhos de Bachelard (1988), Valadares (2000), entre outros.

Ao compreender a casa como “local de reflexão”, além de associarmos às concepções de refúgio e abrigo, podemos considerar este espaço como um local que permite um encontro do sujeito com seus familiares e consigo mesmo. Isto nos remete a reflexão de que a privacidade pode ser compreendida entre forma no contato físico e nas relações de troca de um grupo de pessoas. E quando acontece uma diferença neste formato poderão acontecer sentimentos onde é

necessário existir uma maior ou menor privacidade desejada e com isso trazendo resultados que compromete o bem estar do indivíduo (FELLIPE, 2010).

E podemos refletir que a casa atende às necessidades quando cumpre seus aspectos funcionais, ao possibilitar a realização de algumas atividades essenciais para a manutenção da vida do ser humano, como dormir, comer e atividades fisiológicas. É válido, no entanto, ampliar este entendimento para considerar que a casa também pode atender necessidades simbólicas, para além da visão restrita de funcionalidade, contribuindo para proporcionar bem-estar. Esta constatação é reforçada pelo entendimento de que a experiência do indivíduo, ao estar em suas construções, pode ser comparada a camadas de peles, sendo a epiderme a primeira, a vestimenta a segunda, e, por terceira pele, a habitação ao qual se encontra (FELLIPE, 2010).

Perguntados qual o **local da casa de que mais gostam**, a maioria valoriza os espaços coletivos, como: sacada; cozinha; sala de estar; jardim; área *gourmet*; área de lazer; varanda. Outro salientou que não tem lugar preferido, no entanto prefere o andar de baixo por ser mais integrado à cozinha e à copa, portanto a espaços coletivos. Mais uma vez lembramos Jorge Campo Valadares (2000) ao falar da casa como memória e convívio.

Alberto relata ter uma preferência pela cozinha, pois afirma que gosta de cozinhar, no relato de Maria também se verifica a mesma preferência, o local da cozinha sendo um local de transformação e acolhimento, um espaço que propõe colocar a criatividade para realizar pratos saborosos para compartilhar com a família e amigos.

Uma das respostas foi: *“gostava muito de ficar na biblioteca. Fiz um espaço na frente da casa com bancos iguais de praça. Gosto de ver os movimentos da rua. Lembra da minha infância”*. Neste relato, percebemos o distanciamento e as relações entre a casa e a rua. Conforme Damatta (1997), nos lembra a dualidade que existe ao se tratar destas duas esferas, onde em casa temos a identidade do indivíduo protegido na casa, e na rua já não existe esta proteção. Por exemplo, um mesmo indivíduo tem uma representatividade no espaço ao qual está inserido, dentro de casa possui uma identidade: é pai, mãe, filho, está sujeito às normas internas do espaço. Na rua este mesmo sujeito não tem uma referência, é apenas mais um indivíduo, propenso aos imprevistos que o espaço urbano oferece.

No trecho do relato reproduzido acima, a participante da pesquisa expressa que as **mudanças realizadas no espaço da casa foram no sentido de** tentar reproduzir o espaço que remete a sua infância, local com horta para cultivar, espaço com um terreno maior para criar galinhas. Esta concepção remete a Bachelard quando fala de memórias e convívios, onde só existe saudade de algo que foi vivido. Pois neste local existe a construção de sua identidade, por meio da qual se pode atribuir sonhos para uma casa. Segundo Bachelard (1988, p 98),

(...) existe para cada um de nós uma casa onírica, uma casa de lembrança sonho, perdida na sombra de um além do passado verdadeiro`. (...) Para experimentar, através de nossa vida , o apego que sentimos pela casa natal, o sonho é o mais poderoso que os pensamentos. São os poderes do inconsciente que fixam as mais distantes lembranças. Se não tivesse existido um centro compacto de devaneios de repouso na casa natal, as circunstâncias tão diferentes que envolvem a vida verdadeira teriam confundido as lembranças. Afora umas poucas medalhas com a efígie dos nossos ancestrais, nossa memória de criança contém apenas moedas sem valor. É no plano do devaneio, e não no plano de fato, que a infância permanece em nós e viva e poeticamente útil. Por essa infância permanente, preservamos a poesia do passado.

Segundo Lucena (2007), na casa natal descobre-se a função de habitar que será transplantada a todas as outras moradas, quando essa casa inicial já não mais existir.

Quando perguntados sobre o que **gostariam de mudar** em casa, foram dadas diversas respostas. Este questionamento está relacionado à reflexão de Coelho (2000), que recorre a Jonh Ruble para salientar que o mais importante valor de uma casa é a sua qualidade, que se reflete na importância de se usar plenamente o lugar e as suas adjacências para criar um ambiente de vida: as vistas, os jardins, os locais de lazer, q própria sequência de chegada acrescentam uma dimensão vital à vivência do lugar, contribuindo para o seu sucesso ou fracasso.

Esta pergunta sobre as mudanças na casa remete ainda à importância do sonho e do imaginário da casa (complementar com Bachelard). A importância do sonhar com esta casa, e imaginar ela nos remete Bachelard (1984, p. 200), afirma que:

Não é mais em sua positividade que a casa é verdadeiramente “vívda”, não é só na hora presente que se reconhecem os seus benefícios. O verdadeiro bem-estar tem um passado. Todo um passado vem viver, pelo sonho, numa casa nova. A velha locução: “Carregamos na casa nossos

deuses domésticos” tem mil variantes. E o devaneio se aprofunda a tal ponto que um domínio imemorial, para além da mais antiga memória, se abre para o sonhador do lar. A casa, como o fogo, como a água, nos permitirá evocar no prosseguir mento de nossa obra, luzes fugidias de devaneio que clareiam a síntese memorial e da lembrança. Nessa região longínqua, memória e imaginação não se deixam dissociar. Uma e outra trabalham para seu aprofundamento mútuo. Uma e a outra constituem, na ordem dos valores, a comunhão da lembrança e da imagem.

Uma necessidade dos participantes da pesquisa, como Alice, foi possuir espaços maiores, como uma varanda mais ampla para ter uma horta e ter plantas. Ela afirmou que gostaria de ter um terreno maior para criar galinhas, remetendo às lembranças de sua infância,, remete a poesia de Couto (2010) **“não é o voarmos sobre os lugares que marca a memória. É o quanto esses lugares continuarão voando dentro de nós”**, e isto se faz presente pois nesta vivência traz de suas memórias a casa dos avôs. Esta recordação ao passado remete a um conforto e uma proteção. Conforme Bachelard (1988, p 201),

Quando se sonha com a casa natal, na profundidade extrema do devaneio, participa-se desse calor primeiro, dessa matéria bem temperada do paraíso material. É nesse ambiente que vive os seres protetores. Teremos que voltar a falar sobre a maternidade da casa. No momento, gostaríamos de indicar a plenitude essencial do ser da casa. Nossos devaneios nos levam até aí. E o poeta bem sabe que a casa mantém a infância imóvel “em seus braços” (2): Casa, deusa da pradaria, ó luz do entardecer, De súbito alcanças uma face quase humana. Estás perto de nós, abraçando, abraçados.

Já para Alberto, mesmo mudando-se de local de moradia durante a pandemia, indo de um espaço menor para uma casa com mais cômodos e conforto, ainda sente a falta de espaço para promover uma organização da bagunça dos brinquedos, queixa mantida desde a casa anterior, pois mesmo com a mudança de local, não obteve êxito na organização dos brinquedos ainda não teve êxito.

Há, portanto, uma necessidade expressada pelos sujeitos da pesquisa de ampliação do espaço ou do número de cômodos da casa, como mais quartos, uma biblioteca, um banheiro maior. Assim, demonstra-se uma necessidade de delimitar espaços específicos para uma função delimitada, como, por exemplo, um espaço mais privativo para estudos, já que algumas casas passaram a ser utilizadas como espaços de moradia e trabalho. Uma professora declarou que precisava de um escritório em casa para poder ministrar aulas remotas, pois

“*enquanto dou aula os outros familiares precisam ficar em silêncio para não atrapalhar*”. Nesta última fala, podemos observar que as necessidades mudaram ao ter de compartilhar local de casa com o trabalho. Percebe-se que, durante a pandemia, o local de moradia, trabalho e lazer ficaram entrelaçados e perderam a rigidez de uma pontuada atividade.

Kothe (2021, p. 47) conclui que as mudanças foram:

A adaptação repentina se baseou instantaneamente em computador e internet para reuniões online, tapetinho para exercícios físicos, fones de ouvido e esperança que os barulhos dos vizinhos não atrapalhasse a nova rotina. E foi assim que mesa de trabalho, cadeira adequada, espaço longe de ruídos, iluminação tranquila e verdes naturais - para livrar a ansiedade de muitos - se tornaram símbolos de uma nova arquitetura. O uso contínuo de um mesmo espaço desencadeou essas e outras necessidades, que poderiam ser rapidamente solucionadas com o uso de cores, por exemplo. Nas paredes, almofadas, cortinas ou tapetes, as cores trazem felicidade, calma e criatividade: muitas das emoções buscadas neste período dramático para todos nós.

Assim, as mudanças sofridas na casa durante o isolamento não se restringiram somente ao convívio doméstico, já que este espaço teve de ser reconfigurado para atender as demandas no trabalho. Foram exigidas reorganizações e mudanças no espaço para que este passasse a oferecer as condições de produção, como um espaço que não tivesse interferência de barulho para favorecer a concentração, iluminação adequada, além de espaço de lazer.

Ao tornar um espaço da casa em espaço de trabalho, traz-se um novo sentido a este local, rompendo com os limites antes mais delimitados entre espaço público e privado. Moraes, Bressan e Fernandes (2017, p.652) afirmam que:

A casa local onde se vivencia, experiências do cotidiano, intimidades, sendo local que resguarda e salvaguarda tudo o que pertence a nossa alma, de um momento para o outro e sem aviso prévio, invadida, invadida por muitos olhares, explorada e experimentada de muitas formas por aqueles com quem mantínhamos uma relação respeitosa e de trocas, mas não de intimidade. Tomadas de rotinas, compromissos e posturas formais de ambiente informal. Eis que nossa casa agora tem outra significação.

A casa vivenciada na pandemia adquiriu novas percepções. O local que abrigava o corpo passou a ter de dividir o espaço que serve para a dinâmica do trabalho, com as pessoas que vivem lá. E este espaço deve adquirir uma identidade como também a apropriação. De acordo com Arcaro e Gonçalves(2012), a identidade se cria a partir do significado que o indivíduo dá ao espaço ocupado, e

a apropriação se caracteriza ao apresentar características físicas, sócias, psíquicas e culturais no indivíduo. Lewin (1970, p. 120) complementa que o “espaço de vida de um indivíduo, longe de se limitar ao que ele considera a situação presente, inclui o futuro, o presente e também o passado”.

Neste sentido, quando perguntados quais as **mudanças** que ocorreram nos espaços físicos da casa, quase todos relataram que, de fato, fizeram reformas durante a pandemia, com o objetivo de deixarem a casa mais espaçosa. Também foram relatadas trocas de móveis e organização dos quartos. Outros, ainda, fizeram aquisição de um imóvel, como um apartamento, houve troca de pisos na área externa, algumas adaptações para varanda facilitar para o espaço de trabalho. Salientaram que todos os espaços da casa passaram a ser ocupados.

Na casa de Angela, as mudanças ocorridas foram a remoção de uma parede para proporcionar um espaço mais amplo, pintura nova, papel de parede novo, móveis da sala trocados. Segundo ela, essas mudanças tiveram como objetivo proporcionar mais conforto para si e para receber amigos e familiares em sua residência. Já Alice sentiu a necessidade de realizar algumas mudanças na casa, retirou alguns móveis e deixou o quarto mais amplo, facilitando a organização. O escritório organizou as atividades que são as prioridades, aprendeu organizar as rotinas domésticas e hoje valoriza este serviço que somente sua funcionária fazia.

Alberto morava em uma casa num bairro próximo ao centro e, com o crescimento dos filhos, percebeu que precisava ter outro imóvel que ficasse ainda mais perto da área central e que oferecesse um maior conforto, uma fácil locomoção e agregasse um maior valor ao patrimônio da família. Então, resolveu fazer a aquisição de um apartamento que oferece estas necessidades.

Para Alberto, a desorganização tem um efeito que causa um incômodo para ele, pois não gosta de brinquedos fora do lugar, e sente-se desconfortável, pois seus filhos não costumam guardar os brinquedos, deixando-os espalhados pela casa. Percebe-se uma falta de limite que faça com que isto seja resolvido. Há a possibilidade de deixar os filhos em um local onde possam brincar, mas isso os deixaria longe deles. Então vem a contradição, pois se os filhos estão perto com seus brinquedos, ele pode ver os mesmos, brincar e interagir enquanto cozinha para todos da família. Afastá-los por causa dos brinquedos parece mais desconfortável do que tê-los por perto com sua desorganização.

4.2.1 Reflexões adicionais: ressignificações do espaço da casa durante e após o isolamento social

Pode-se compreender que os profissionais de saúde participantes da pesquisa possuíam uma apropriação do espaço na casa, e no momento da pandemia este espaço apropriado passa a ser percebido como não ideal, e torna-se alvo de mudanças. A pandemia serviu como um dispositivo para revelar a dificuldade de conviver em um espaço onde os indivíduos que não sentiam fazer parte dele em sua totalidade.

Esta reflexão que nos remete a Bachelard (1988). Quando este autor trata da apropriação, explica que o sujeito marca o local, ao mesmo tempo em que é marcado por ele. Neste sentido, é possível também analisar o enraizamento. Massola e Svartman (20018) afirmam que este “é um termo que indica um forte vínculo entre a identidade psicossocial e o ambiente”. Gonçalves (2007) conclui que:

Cada sujeito se apropria de um lugar de forma diferenciada, dependendo, portanto, de modelos culturais, sociais, estilo de vida, entre outros. “Os processos de apropriação são complexos e se dividem em dois aspectos fundamentais: comportamentais de ação-transformação e de identidade de lugar simbólica – identidade do sujeito com o espaço, na qual se incluem os processos afetivos, cognitivos e interativos”.

A necessidade de isolamento social durante a pandemia permite refletir sobre o estar casa e seu sentido para os sujeitos.

Percebe-se, entre os participantes da pesquisa – tanto os da escuta qualificada quanto os profissionais da saúde – que a apropriação existia, mas na pandemia, o fato de estar um maior tempo neste local, demonstrou desconforto, criando uma crise neste espaço.

Evidencia-se o fato de muitas atividades desempenhadas pelos sujeitos da pesquisa eram realizadas fora deste ambiente da casa. Eles relataram que suas rotinas eram fora da casa, em atividades como idas para cinemas, *shopping Center*, academia, almoçar fora, festas.

Quando se inicia a pandemia, vem a necessidade de ficar um maior tempo de permanência neste local. Pode-se refletir então sobre importância do convívio com o local habitado, que é destacada por Valladares (2000). Para este

autor, conviver é o início do habitar onde o indivíduo se encontra inserido. E como, entre os sujeitos da pesquisa, essa convivência era pequena, ao ter de ficar um tempo maior o desconforto surgiu.

Outro elemento importante para analisar os dados da pesquisa é o fator econômico, vindo a ser percebido entre os integrantes da pesquisa. Pois os profissionais de saúde e os demais participantes - pessoas desempregadas, donas de casa, estudantes - apresentam uma diferente realidade.

Durante o isolamento, os indivíduos da escuta qualificada não possuíam condições financeiras para mudar de seus espaços físicos, uma característica diferente dos profissionais de saúde, que realizaram mudanças no espaço da casa, ampliaram os espaços internos e externos incluindo novas decorações e além disso compraram imóveis. Reflete-se, então, sobre a importância dos sujeitos possuírem condições financeiras para realizar as mudanças necessárias em suas moradias de forma a encontrarem satisfação e bem-estar.

Quando há uma satisfação com o espaço habitado, surge um sentimento de bem-estar, como existe uma relação nestes e os autores Proshanki, Fabian e Kaminoff (1993), nos trazem a compreensão do significado dos ambientes acontece, a partir de aspectos sociais e culturais que envolvem a construção da auto identidade.

Gonçalves vem a corroborar com esta compreensão e ainda pontua que mudanças materiais na casa podem não ser suficientes para favorecer um processo de apropriação e identificação do sujeito com o ambiente. Para que isso aconteça, é preciso que o sujeito atribua sentido a este espaço, passando a marcá-lo com sua identidade pessoal e que, a partir daí, se estabelece um processo de cultivação (GONÇALVES, 2014). No momento que se estabelece esta relação pode este bem estar vir a ser relacionar com conforto.

Ferreira (2006) traz a contribuição de Rybczynski (1997, p. 224), quando traz a análise de que “o bem estar doméstico é algo demasiado importante para deixá-lo a cargo dos experts; é como sempre foi, um assunto de família e da pessoa. Temos que redescobrir por nos mesmos o mistério do conforto, pois sem ele nossas residências, serão de verdade maquinas e não casas”.

As experiências vivenciadas durante a pandemia permitiram aos sujeitos refletir sobre a casa e, em alguns casos, ressignificá-la também após o período de isolamento social. Essas mudanças evidenciam, conforme Santos (1991), que o

espaço ao qual se habita é transformado pela ação humana e podem gerar um processo de identificação.

Este fato observa-se no relato de uma profissional de saúde, que conta que, durante o período de isolamento social, tinha a necessidade de sair de sua residência, para ir atender pacientes no consultório ou no hospital, e que sempre procurava fazer isso de uma forma rápida. E, em momento posterior, ela narra que, ao sair de casa para o trabalho, sente uma necessidade de retornar logo, algo por ela descrito como necessário. Podemos trazer aqui a contribuição de Damatta (1997), que reafirma a importância do espaço para a existência do sujeito ao declarar que “o espaço pode ser comparado ao ato de respirar, sem este se torna impossível o viver”. Percebe-se, nesta narrativa, que se criou um sentimento ou necessidade de retornar para o local, visto que este oferece a proteção, o refúgio, e ainda vem a promover uma fonte de restauração de bem estar. Remete-nos à importância desta casa no sentido atribuído por Bachelard (1988): “a casa é uma das maiores forças de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem”, transcendendo o espaço geométrico e a materialidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa surge a partir de um trabalho voluntário realizados em projetos sociais que ofereciam o serviço de atendimento psicológico on-line. Este serviço estava sendo muito procurado no momento inicial da pandemia. A pesquisadora, psicóloga, passou a realizar a escuta de indivíduos que procuravam estes projetos sociais. Os participantes traziam queixas recorrentes, salientando dificuldades de relacionamento tanto com os familiares, como consigo e desconforto com o espaço da casa. Evidenciado com o início do isolamento, este desconforto emergiu e/ou intensificou-se com o sujeito passando a ficar muito tempo em casa.

Assim, a restrição de circulação na pandemia por questões sanitárias, que visavam tentar impedir a disseminação do novo coronavírus, impôs o isolamento social, que implicou desafios nas relações entre os sujeitos e suas casas.

Os sentimentos que expressavam a relação dos sujeitos com a casa, foram inúmeros, e oscilou entre tranquilidade, ansiedade, conforto, desconforto, aconchego, insegurança, indiferença. Por vezes, os sujeitos da pesquisa relataram sentimentos duais e contraditórios, ora um sentimento, ora outro, intensificados pela incerteza do que iria acontecer no dia seguinte.

As dificuldades narradas pelos sujeitos durante este período compreenderam diferentes dimensões, bastante marcadas por problemas oriundos da convivência com o outro e com o espaço doméstico. Observa-se que a rotina antes da pandemia era preenchida por atividades todas voltada para o exterior da casa. Durante a pandemia aconteceu um recolhimento, seja por proteção, ou por determinação, e então os conflitos emergiram neste espaço até então não plenamente.

Com mais tempo em casa, a rotina doméstica dos sujeitos foi comprometida e precisou ser adaptada, para transformar este espaço em espaço de convivência e local para trabalho. Este ambiente, para alguns sujeitos, passou de espaço privativo para um espaço público, pois quando a tecnologia acessa a sua casa, por meio das videoconferências, o dentro se torna visível. E com isso evidencia a identidade do indivíduo, através de objetos, que trazem sua história, sua cultura e seus gostos pessoais.

Entre alguns integrantes da pesquisa, não foi possível identificar uma identidade de lugar, pois o espaço da casa era destinado apenas para terminar o dia, para dormir. Após o isolamento, uma nova configuração de casa começa a existir, com busca de novos formatos, reformas, memórias da infância, além de compra de imóveis, e busca por mais espaço, onde possa sentir mais conforto.

Portanto pode-se concluir que o processo de apropriação existia na casa, antes da pandemia, mas para estes sujeitos da pesquisa percebeu-se uma dificuldade com este espaço da casa. Pois, além das dificuldades advindas com a pandemia, existiam as questões particulares de cada integrante deste espaço. Com o isolamento social, estas questões se intensificaram e ficaram mais evidentes, sendo observadas e expressadas através de dificuldades relatadas.

Para alguns dos sujeitos, a crise desencadeada com a pandemia trouxe a necessidade de construção de uma identidade com os espaços, o que levou posteriormente a uma reapropriação da casa e sua valorização, com novos espaços sendo habitados.

A pesquisa contribuiu para um melhor aprendizado frente às questões de espaço da casa, a importância do enraizamento e da apropriação, e como a saúde pode ser comprometida devido às dificuldades que um espaço pode produzir, quando este não garante bem-estar.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Helenira Fonsêca De; FREIRE, José Célio. O lugar da alteridade na psicologia ambiental. **Revista.Mal-Estar e Subjetividade**. Fortaleza, v. 7, n. 2, p. 305-328, 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1518-61482007000200005&script=sci_abstract. Acesso em: 13 nov. 2022.
- ARANTES, Beatriz. **Conforto térmico em habitações de interesse social: um estudo de caso**. 2012. 96f. Dissertação (mestrado em engenharia mecânica) – Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2013. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/91724/arantes_b_me_bauru.pdf?sequence=1&isallowed=y. acesso em: 27 maio 2021.
- ARCARO, Rosevane; GONÇALVES, Teresinha Maria. Identidade de lugar: um estudo sobre um grupo de moradores atingidos por barragens no município de Timbé do Sul, Santa Catarina. **RA'É GA**, Curitiba, v. 25, p. 38-63, 2012. Disponível em: www.geografia.ufpr.br/raega/ Curitiba, Departamento de Geografia – UFPR.
- ASSIS, L. F. Turismo de segunda residência: a expressão espacial do fenômeno e as possibilidades de análise geográfica. *Revista Território*, Rio de Janeiro, n.11, 12 e 13, set./out. 2003.
- ASSUNÇÃO, V. K.; CONCEIÇÃO, Z. S. Verticalização e sociabilidade: as relações entre moradores de edifícios residenciais e suas formas de uso e apropriação do espaço. **Ra'e Ga**, Curitiba, v.44, p. 69 -84, maio 2018
- AVELLAR, Luciana de Castro Maeda; ALMEIDA, Marcelina das Graças de. A resignificação do morar – uma reflexão. In.:COLÓQUIO INTERNACIONAL DE DESIGN, 8, **Blucher Design Proceedings**, 2020, p. 165-177. Disponível em: www.proceedings.blucher.com.br/article-details/a-ressignificacao-do-morar-uma-reflexo1-35839. Acesso em: 20 jul. 2022.
- BARBOSA, A. G.; COSTA, A. A. O solo urbano e a apropriação da natureza na cidade. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 24, n. 3, p. 477-488, set/ dez. 2012. Disponível em: Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sn/a/4H4hNqPtJBxrkqmtYQcYMt/?lang=pt>. Acesso em: 13 nov. 2022.
- BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1988.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BATISTA, João Pedro Thimotheo *et al.* **Isolamento vertical e isolamento horizontal: entenda as diferenças**, 2021. Disponível em: <https://coronavirus.saude.mg.gov.br/blog/74-isolamento-vertical-e-isolamento-horizontal#:~:text=No%20isolamento%20vertical%2C%20o%20objetivo,de%20risco%20da%20vida%2D19.&text=J%C3%A1%20a%20realiza%C3%A7%C3%A3o%20do%20isolamento,o%20>

relacionado%20%C3%A0%20sa%C3%BAde%20p%C3%BAblica. Acesso em: 05 jun. 2022

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecci. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BELK, R.W. Possessions and the extended self. **Journal of Consumer Research**, v.15, p.139- 165, 1988.

BESTETTI, Maria Luísa Trindade. Ambiência: espaço físico e comportamento. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro, v. 17, n.3, p. 601-610, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbgg/v17n3/1809-9823-rbgg-17-03-00601.pdf>. Acesso em: 24 mai 2022.

BONSIEPE, G. **A tecnologia da tecnologia**. São Paulo: Editor Edgard Blucher, 1983.

BOTTON, A. de. **Arquitetura da felicidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

BRANDÃO, V.M.A.T. (1999). Os Fios da memória na trama da cultura. *Revista Kairós Gerontologia*, Ano 2, n.2. São Paulo: EDUC/PUC-SP.

BRANDÃO, Lucas. **A hipermodernidade de Gilles Lipovetsky**, 2020. Disponível em: <https://comunidadeculturaearte.com/a-hipermodernidade-de-gilles-lipovetsky/>. Acesso em: 24 jul, 2022.

CARDINALLI, Ida Elizabeth. Heidegger: o estudo dos fenômenos humanos baseados na existência humana como ser-aí (Dasein). **Psicologia USP**, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 249-258, 2015. Disponível em: www.scielo.br/pdf/pusp/v26n2/0103-6564-pusp-26-02-00249.pdf. Acesso em 04 de Jul 2022.

CARLOS, Ana Fani Alessandri: Henri Lefebvre: o espaço, a cidade e o "direito à cidade". **Dossiê Rev. Direito e Práxis**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 349-369, 2020. Disponível e: <https://www.scielo.br/j/rdp/a/3cBsV3Vx7Yvw9SqvcqyVrbc/?lang=pt>. Acesso em: 24 jul. 2022.

COELHO, Antonio Baptista. **Qualidade arquitetônica residencial –Rumos e factores de análise**. Lisboa: Laboratório Nacional de Engenharia Civil, col. Informação Técnica Arquitetura(ITA), n. 8,2000.

COUTO, M. **Pensageiro frequente**. Alfragide: Editorial Caminho, 2010.

CORREA, Lucas. Berdague: As samps da nossa era: cidades insensíveis, cidades contingenciadas. In: TEIXEIRA, Clarissa Stefani; DEPINÉ, Ágatha. **As cidades e a covid-19: necessidades, expectativas e tendências trazidas pela pandemia**. São Paulo: Perse, 2021, p. 105-108. Disponível em: https://via.ufsc.br/wp-content/uploads/E-BOOK_Cidades-e-a-Pandemia.pdf. Acesso em: 04 jul. 2022.

DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. 5. Ed. Rio de Janeiro, Rocco, 1997.

DESLANDES, Suely Ferreira. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 26. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

DERRIDA, J. **Anne Dufourmantelle convida Jaques Derrida a falar da hospitalidade**. São Paulo: Escuta, 2003.

DIAS, Juliana Maddalena Trifilio; MIRANDA, Sonia Regina. Notas sobre espaço, lugar e identidades territoriais em espaços de formação de professores. Instrumento: **Revista de Estudo e Pesquisa em Educação**, Juiz de Fora - MG, v. 17, n. 2, jul./dez. 2022.

DUARTE, Lyndeci Pereira de Araujo *et al.* Contribuição da Escuta Qualificada para a Integralidade na Atenção Primária. **Revista Eletrônica Gestão & Saúde**, Brasília, v. 8, n. 3, p. 414-429, set. 2017.

FELIPPE, Maíra Longhinotti. Casa: uma poética da terceira pele. **Psicologia e Sociedade**, Belo Horizonte - MG, v. 22, n. 2, p. 299-308, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/DLXJYPmHNY7tNwnNMH7pcgj/?lang=pt>. Acesso em: 04 jul. 2022.

FELIPPE, M. L. *et al.* Moradia: um habitat saudável para a pandemia?. **Gestão & Tecnologia De Projetos**, São Paulo, v. 16, n. 4, p. 101-116, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/gestaodeprojetos/article/view/178708>. Acesso em: 25 jul. 2022.

FERREIRA, Clovis Chiezzi Seriacopi. **A casa dos Sonhos: necessidades, aspirações símbolos...Uma avaliação de residências unifamiliares idealizados, planejados e empreendidos pelos próprios usuários em Alphaville, Região Metropolitana de São Paulo, 2006, 247p.** Dissertação (mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16132/tde-23112010-134249/publico/Dissertacao_Clovis_Chiezzi.pdf. Acesso em: 01 Ago. 2022.

ARANTES, Beatriz. **Conforto térmico em habitações de interesse social: um estudo de caso**. 2012. 96f. Dissertação (mestrado em engenharia mecânica) – Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2013. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/91724/arantes_b_me_bauru.pdf?sequence=1&isallowed=y. acesso em: 27 maio 2021.

GAMA, Yuri Killing. Reflexões sobre a habitação na história e durante a pandemia da covid-19. In.: TEIXEIRA, Clarissa Stefani; DEPINÉ, Ágatha. **As cidades e a covid-19: necessidades, expectativas e tendências trazidas pela pandemia**. São Paulo: Perse, 2021, p. 51-58. Disponível em: https://via.ufsc.br/wp-content/uploads/E-BOOK_Cidades-e-a-Pandemia.pdf. Acesso em: 04 jul. 2022.

GERHARDT, Engel, Tatiana; CÓRDOVA, Peixoto, Fernanda. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Coord.). **Métodos de pesquisa**. Porto

Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p 31-41 Disponível em:
<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf> . Acesso em: 25 mar. 2020

GLIBER; Ana Rosa; CHIPARI, Maríantonía. Invasão do espaço pessoal: um estudo observacional em uma biblioteca universitária. **Psicólogo em Formação**, São Paulo, v. 11, n. 11, p. 9 - 15, jan./dez. 2007. Disponível em:
<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoinfo/v11n11/v11n11a02.pdf>. Acesso em: 27 maio 2021.

GOLDENBERG, Mirian. **A Arte de Pesquisar**, 1977. Disponível em:
[www.academia.edu/7128572/ Pesquisar _Mirian_Goldenberg](http://www.academia.edu/7128572/Pesquisar_Mirian_Goldenberg). Acesso em: 27 maio 2021.

GONÇALVES, Teresinha M. **Cidade e poética**: um estudo de Psicologia Ambiental sobre o ambiente urbano. Ijuí, RS, 2007.

GONÇALVES, Teresinha M. Habitar: a casa como contingência da condição humana. **Revista Invi**, Chile, v.29, p.83-108, 2014. Disponível em:
<http://revistainvi.uchile.cl/index.php/INVI/article/view/834>. Acesso em: 22 set. 2020.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11.ed Rio de Janeiro: DP&A, 2011. 104 p.

HIGUCHI, M. I. G.; KUHLEN, A.; PATO, C. (Orgs.). **Psicologia ambiental em contextos urbanos**. Florianópolis: Edições do bosque/CFH/UFSC, 2019.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Tradução, organização, nota prévia, anexos e notas de Fausto Castilho. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014.

HEIDEGGER, M. **Os conceitos fundamentais da Metafísica**: mundo, finitude, solidão. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003a.

HEIDEGGER, M. **A caminho da linguagem**. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2003b.

ITTIELSON, W. H. *et al.* Homem Ambiental. **Textos de Psicologia Ambiental**, São Paulo, v. 14, p. 1-9, 2005.

KOTHE, Suen Trevisan. Arquitetura emocional: a pandemia e um novo conceito de lar. In.: TEIXEIRA, Clarissa Stefani; DEPINÉ, Ágatha. **As cidades e a covid-19**: necessidades, expectativas e tendências trazidas pela pandemia. São Paulo: Perse, 2021, p. 46-51. Disponível em: https://via.ufsc.br/wp-content/uploads/E-BOOK_Cidades-e-a-Pandemia.pdf. Acesso em: 04 jul. 2022.

LEITÃO, Lúcia, Amorim, Luiz. (org.). **A casa nossa de cada dia**: prefácio dos organizadores- Recife: Ed, Universitária da UFPE. 2007. 200p.

LEITÃO, Lúcia. **Quando o ambiente é hostil- uma leitura urbanística à luz sobre Sobrados e Mucambos**. Recife: editora da UFPE, 2009.

LEWIN, K. Moral e perspectiva temporal. In G. W. Lewin (Org.). **Problemas de dinâmica de grupo**. São Paulo: Cultrix, 1970, p. 119-140.

LUCENA, Karina de Castilhos. Uma fenomenologia da imaginação através do espaço. **Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas Artigos da seção livre**, Porto Alegre, v. 3, n. 1, 2007.

MASSOLA, Gustavo Martineli; SVARTMAN, Bernardo Parodi. Enraizamento, tempo e participação na Psicologia Ambiental. **Estudos de Psicologia**, São Paulo, v. 23, n. 3, p. 293-305, 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epsic/v23n3/a09v23n3.pdf>. Acesso em: 4 jul. 2022

MELO, Rosane Gabriele de. Psicologia Ambiental: uma nova abordagem da Psicologia. **Psicologia**, São Paulo, v. 2, n. 1-2, p. 85-103, 1991. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51771991000100008 &lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 14 fev. 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORAES, H. J. P; BRESSAN, L. L. B. Bacia Semântica e o trajeto antropológico em uma narrativa histórico-literária sobre imigração italiana: marcas de ancestralidade. **Revista Alere**. Tangará da Serra (MT), v. 15, n. 1, p. 135-157, jul. 2017.

MOSER, Gabriel. Psicologia Ambiental. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 3, n. 1, p. 121-130, 1998. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X1998000100008>. Acesso em: 25 fev. 2020.

MOURÃO, Ada Rachel Teixeira; CAVALCANTE, Silvia. Identidade de Lugar. In: ELALI, G. A.; CAVALCANTE, Silvia. (Orgs). **Temas Básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

NERI, M. **Consumidores, Produtores e a nova classe média: miséria, desigualdade e determinantes das classes**. Rio de Janeiro: FGV/IBRE, 2009.

NEW ZEALAND FAMILY VIOLENCE CLEARINGHOUSE (NZFVC). **Preventing and responding to family, whānau and sexual violence during COVID-19**, 2020. Disponível em: <https://nzfvc.org.nz/covid-19/preventing-respondingviolence-covid-19#read-more>. Acesso em: 04 jul. 2022.

NOAL, Débora da Silva; DAMÁSIO, Fabiana; FREITAS, Carlos Machado de. **Cartilha Violência Doméstica e Familiar na COVID-19**. Fundação Oswaldo Cruz: Rio de Janeiro, 2020.

NOGUEIRA, João Carlos. **Consciência moral & existência**. Campinas, SP: Alínea, 1997. 163 p

NUNES, Nilza Rogéria de Andrade; SOUSA, Patricia Cristina Santana de. **Para Ficar em Casa é Preciso ter Casa**: desafios para as mulheres em situação de rua em tempos de pandemia. *Revista Augustus*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 51, p. 97-112, 2020. Disponível em: <https://revistas.unisuam.edu.br/index.php/revistaaugustus/article/view/545/292>. Acesso em: 20 jul. 2022.

ORNELL, Felipe *et al.* Violência Doméstica e Consumo de Drogas durante a Pandemia da COVID-19. **Pensando Famílias**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 3-11, jul. 2020. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v24n1/v24n1a02.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2022.

PALLASMAA, Juhani. **Os olhos da pele**. Porto Alegre: Bookman, 2011.

POL, E. La apropiación del espacio. In L. Iñiguez; Pol, E (Orgs.). **Cognición, representación y apropiación del espacio**. Barcelona: Universitat de Barcelona, 1996. p. 21-45.

PROSHANSKY, H. M.; ITTELSON, W. H.; RIVLIN, L. G. (Orgs.). **Environmental psychology: man and his physical setting**. New York: Holt, Rinehartand Winston, 1970

PROSHANSKY, Haroldo; FABIAN, Abbe K.; KAMINOFF, Robert. Identidade de Lugar: socialização do mundo físico de si mesmo. **Journal of environmental Psychology**, v. 3, p. 57-83, 1983.

RABINOVICH, Elaine Pereira. A Casa Como Símbolo: a relação mãe-criança. **Revista Brasileira Crescimento e Desenvolvimento Humano**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 37-48, 1997. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/jhgd/article/download/38383/41227>. Acesso em: 20 jul. 2022.

ROSSI, Tais Regina Aranha *et al.* A resposta da Coreia do Sul à pandemia de COVID-19: lições aprendidas e recomendações a gestores. **Cadernos de Saúde Pública**, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 1-20, 2022. Disponível em: <https://old.scielo.br/pdf/csp/v38n1/1678-4464-csp-38-01-e00118621.pdf>. Acesso em: 04 Jul. 2022.

SAGER, Fabio *et al.* Avaliação da Interação de Crianças em Pátios de Escolas Infantis: Uma Abordagem da Psicologia Ambiental. **Psicologia: reflexão e crítica**, Porto Alegre – RS, v. 16, n. 1, p 203-215. 2003. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/25670/000376040.pdf?sequence=1>. Acesso em: 25 fev. 2020.

SANTOS, César Simoni. **A Covid-19 e o direito à cidade dos pobres**, 2020. Disponível em: <https://diplomatie.org.br/a-covid-19-e-o-direito-a-cidade-dos-pobres/>. Acesso em: 27 maio 2021.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. 6. ed. São Paulo: EDUSP, 2008. 132 p.

SARAMAGO, José. **Palavras para uma cidade**. In.: SARAMAGO, José. O Caderno. São Paulo: Companhia das Letras 2009, p. 19-23.

SARTORI, A. C. R.; ZILBERMAN, M. L. Revisitando o conceito de síndrome do ninho vazio. **Revista de Psiquiatria Clínica**, São Paulo, v. 36, n. 3, p. 112-121, 2009.

SENNETT, Richard. **Construir e Habitar-Ética para uma sociedade aberta**. São Paulo: Editora Record, 2018.

SIGMUND FREUD: a história do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos. **Imago**, Rio de Janeiro, v. 17, 1916. Semestral. Disponível em: <https://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-14-1914-1916.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2022.

SILVA, Marcia Alves Soares da; MARCÍLIO, Bruna Maria Siquinelli. A casa e o habitar: experiências emocionais do isolamento social. **Projectare**: revista de arquitetura e urbanismo, São Paulo, v. 1, n. 10, p. 247-261, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Projectare/article/view/19183/12323>. Acesso em: 20 jul. 2022.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A Pesquisa científica. In.: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Orgs.). Métodos de pesquisa. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009, p. 31-41. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em: 27 maio 2021.

SOUZA, M. J. L. (1995). O Território: sobre espaço de poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO. I. E. de et al. (orgs.) **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

TEIXEIRA, Clarissa Stefani; DEPINÉ, Ágatha (Orgs). **As cidades e a covid-19**: necessidades, expectativas e tendências trazidas pela pandemia. São Paulo: Perse, 2021, 225p. Disponível em: via.ufsc.br/wp-content/uploads/e-book_cidades-e-a-pandemia.pdf. Acesso em: 04 jul. 2022.

TEIXEIRA, Fabiana. Espaços e distâncias na pandemia: presenças ausentes e proximidades distantes nas conexões afetivas. In.: TEIXEIRA, Clarissa Stefani; DEPINÉ, Ágatha (Orgs). **As cidades e a covid-19**: necessidades, expectativas e tendências trazidas pela pandemia. São Paulo: Perse, 2021, p. 40-45. Disponível em: https://via.ufsc.br/wp-content/uploads/E-BOOK_Cidades-e-a-Pandemia.pdf. Acesso em: 04 jul. 2022.

TERKENLI, Theano S. Home as Region. **Geographical Review**. v. 85, n. 3, p. 324-334, 1995. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/215276?origin=crossref> . Acesso em: 24 jul. 2022.

TUAN YI-Fu. **Topofilia**, São Paulo: Difel, 1980.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.

VALADARES, Jorge de Campos. Qualidade do espaço e habitação humana. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/YzYMQcnW3Pz4XNJgBpjFgTR/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 27 maio 2021.

VUGMAN, Fernando. **A casa sem fim-Contos**. Tubarão- SC: Editora UNISUL.2009.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Actualización de la estrategia frente a la COVID19**, 2020. Disponível em: https://www.who.int/docs/default-source/coronaviruse/covidstrategy-update-14april2020_es.pdf?sfvrsn=86c0929d_10. Acesso em: 04 jul. 2022.

ZARANKIN, Andres. **Paredes que domesticam: arqueologia da arquitetura escolar capitalista: o caso de Buenos Aires**. 2001. 249p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280101>. Acesso em: 28 jul. 2020.

APÉNDICE

APÊNDICE I - QUESTIONÁRIO

OS MODOS DE MORAR: UMA RESSIGNIFICAÇÃO DA CASA EM TEMPOS DE PANDEMIA DO CORONAVÍRUS

Identificação:

Nome:

Idade:

Sexo: () Masculino () Feminino () Prefere não informar

Em que bairro reside?

Há quanto tempo trabalha no setor de saúde?

1. Qual o número de pessoas na residência durante isolamento?

2. Quais os sentimentos que emergem em sua casa durante a pandemia?

() Tranqüilidade

() Ansiedade;

() Conforto;

() Desconforto;

() indiferente;

3. Como era sua rotina antes do isolamento? (Atividades diárias como: trabalho, faculdade, shopping, academia, etc.)

4. Gosta de sua casa?

() Sim

() Não

4.1. Por quê?

5. Qual o local que você mais gosta de ficar em casa e por quê?

6. Algo que gostaria que ficasse diferente? O quê? E porquê?

7. Quais as mudanças que ocorreram no espaço da casa? (Reformas, organização, troca de móveis, etc.)

8. Relação entre familiares e amigos?

9. Quais os momentos que sua casa significou abrigo /proteção?